

FACULDADE PEDRO II

Licenciatura em Geografia

Natalina de Jesus dos Santos Gonçalves

COMUNIDADE DOS ARTUROS: limites e possibilidades de um povo tradicional e a produção do espaço urbano de Contagem/MG.

BELO HORIZONTE

2017

FACULDADE PEDRO II

Licenciatura em Geografia

Natalina de Jesus dos Santos Gonçalves

COMUNIDADE DOS ARTUROS: limites e possibilidades de um povo tradicional e a produção do espaço urbano de Contagem/MG.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Faculdade Pedro II como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Orientadora: Maria das Graças Martins Bibiano

BELO HORIZONTE

2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu marido, por ter sido muito compreensivo e companheiro, extremamente colaborativo em meus trabalhos de campo, além de entender minha ausência de alma, já que o corpo ficava só no computador.

Também, agradeço à minha orientadora e mestra Maria das Graças Martins Bibiano.

Agradeço aos arturianos que me atenderam com muita dedicação e carinho, respondendo questionamento, contando sua história e dos seus antepassados e mostrando pontos e objetos importantes da comunidade.

LISTA DE FIGURAS

Foto 1 – Museu Casa da Cultura. Foto 2 – Museu Casa da Cultura.	34
Foto 3 – Museu da Casa Azul.....	35
Foto 4 – Igreja Nossa Senhora do Rosário.....	35
Foto 5 - Celebrações dos arturos nas ruas de Contagem em maio de 2014..	41
Foto 6 – Antiga Igreja, à época da demolição (1973).	44
Foto 7 – Igreja Nova.	45
Foto 8 – Igreja Nova	45
Foto 9 – Local onde havia a antiga Igreja.	46
Foto 10 – Placa de homenagem à antiga Igreja.	46
Foto 11 – Festa do Congado da Abolição.....	52
Foto 12 – Tambor, relíquia conservada.	54
Foto 13 – Foto tirada de um retrato que há na Capela, dentro da comunidade, que revela a filha mais velha do Senhor Artur, Conceição Natalícia (Tetane).	54
Foto 14 - Ritual do João do Mato.....	62
Foto 15 - Congado da Festa da Abolição	72
Foto 19 - Retrato da religiosidade dentro da Comunidade	72

LISTA DE MAPAS

Cartograma 1 – Comunidade dos Arturos Município de Contagem/MG.	24
Cartograma 2 – Pontos das manifestações culturais em Contagem/MG.	38
Cartograma 3 – Localização da antiga e nova Igreja Nossa Senhora do Rosário em Contagem/MG.	43

LISTA DE SIGLAS

FUNDAC –Fundação Cultural de Contagem

IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico

RMBH – Região Metropolitana de Minas Gerais

RESUMO

Este trabalho se propõe ao estudo do povo tradicional quilombola dos Arturos (comunidade dos Arturos, ou simplesmente, Arturos), situada em Contagem/MG. Apesar dos limites que as circunstâncias impuseram a essa pesquisa, propusemo-nos à descrição e análises que nos permitiram algumas elaborações. A Comunidade Quilombola dos Arturos teve origem no início do século XX, e se estabeleceu no território localizado entre os bairros Jardim Vera Cruz, Europa e Vila Militar em Contagem/MG, Brasil. Este território, formado por remanescentes de quilombolas, completa neste ano de 2017 exatos 100 anos de existência. Ao longo desse tempo, houve muitas transformações na comunidade e na cidade de Contagem/MG. Os Arturos enfrentam, com vontade de vencer, os conflitos no seu cotidiano, sobretudo, por causa dos processos modernos da urbanização cada vez mais intensos, que pressionam pela redução do seu espaço interno e modificam os espaços externos: ambiente das manifestações culturais situados em alguns pontos da cidade e no entorno daquele território. Ainda assim, a comunidade tem boas relações com “os de fora” e, de certo modo, resiste na condição de comunidade quilombola (legal e socialmente reconhecida) produzindo seu espaço sob o verdadeiro sentido de viver em comunidade: buscando a unidade dos seus partícipes.

Palavras-chave: Comunidade. Arturos. Quilombola. Povos.

ABSTRACT

This work is proposed to the study of the traditional quilombola people of the Arturos (community of the Arturos, or simply, Arturos), located in Contagem / MG. Despite the limits that circumstances imposed on this research, we proposed to the description and analyzes that allowed us some elaborations. The Quilombola Community of Arturos originated at the beginning of the 20th century, and settled in the territory located between the neighborhoods Vera Cruz, Europe and Vila Militar in Contagem / MG, Brazil. This territory, formed by remnants of quilombolas, completes this year of 2017 exact 100 years of existence. During that time, there were many transformations in the community and in the city of Contagem / MG. The Arturos face, with a desire to conquer, the conflicts in their daily life, above all, because of the increasingly intense modern processes of urbanization, which press for the reduction of their internal space and modify the external spaces: environment of the cultural manifestations situated in some points in and around the city. Still, the community has good relationships with outsiders and, in a sense, resists the status of a quilombola community (legally and socially recognized), producing its space under the true sense of living in community: seeking the unity of its participants.

Keywords: Community. Arturos. Quilombola. Folk.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
OBJETIVO GERAL.....	16
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	16
JUSTIFICATIVA.....	17
METODOLOGIA	17
CRONOGRAMA DO DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO	19
1 QUEM SÃO OS ARTUROS E AS SUA (RE)EXISTÊNCIA DIANTE DO CRESCIMENTO URBANO?.....	20
2 AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA COMUNIDADE DOS ARTUROS NO CENTRO URBANO DE CONTAGEM-MG	33
3 AS RELAÇÕES DA COMUNIDADE DOS ARTUROS COM OS DE FORA.....	49
4 A COMUNIDADE E OS CONFLITOS DA MODERNIDADE	58
5 O SENTIDO DE VIVER COMO COMUNIDADE NOS TEMPOS ATUAIS	65
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	76

INTRODUÇÃO

A Comunidade Quilombola dos Arturos (os Arturos) foi fundada no ano 1917, na região central de Contagem/MG, no bairro Jardim Vera Cruz, na rua Capelinha 50, pelo Senhor Arthur Camilo Silvério, filho de Camilo Silvério e Felisbina Rita Cândida (negros escravizados). Os Arturos surgem, então, a partir da união de um grupo de pessoas de origem relacionada ao modo de produção escravocrata que vigorou formalmente, no Brasil, até 1988. O referido grupo, cujas relações de produção estavam atreladas ao cultivo da terra, encontrou a possibilidade de se (re)produzirem a partir do acesso à terra sob seus domínios e entorno, uma vez que a vizinhança também se desenvolvia por meio de atividades rurais. Acesso e domínio este que se deu por meio da compra do Sítio Domingos Pereira pelo Senhor Camilo Silvério, que enquanto escravo acumulou pequenas pedrinhas de diamante e mais tarde doou para a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Mais tarde, tal irmandade ficou aos cuidados do seu filho Arthur dando início ao que se tornou a Comunidade dos Arturos.

As manifestações culturais dos Arturos despertam a atenção pelas práticas tradicionais muito diferentes do cotidiano dos contagenses. O som do Congado pelas ruas em plena madrugada, ou durante o dia, logo nos lembra que aqueles sons e cânticos não possuem suas origens em tempos modernos de uma cidade do século XXI. O que se percebe é que essa manifestação cultural permanece como resíduo, nos termos de Lefebvre (1967, p. 390-392), o “que há de mais precioso” daquilo que resistiu aos processos desestruturantes e se preserva como riqueza das relações que já se desenvolveram na produção social do/no espaço. Essa característica cultural forte e identitária foi o que manteve as condições de resistência ao Povo Arturo, que por sua vez, passou por intervenções internas, pelo processo inicial de urbanização do entorno, de intensificação dessa urbanização, juntamente com alto grau de industrialização e conurbação das relações que se dão na produção do espaço urbano. Processos estes que acabaram por envolver um território remanescente de quilombolas em uma importante Região Metropolitana, reconfigurando as relações socioespaciais. Se as relações de produção configuram uma nova sociedade, os Arturos não ficaram alheios às transformações, muitas foram as adaptações e

mudanças pelas quais passaram e passam. Assim, o desafio é buscar o entendimento sobre os processos e as condições vividas por esse povo e suas estratégias de existência como tal.

Este trabalho tem como objetivo conhecer a realidade atual da comunidade, partindo das relações, historicamente, construídas, com a seguinte interrogativa: Quais os limites e possibilidades de um povo tradicional e a produção do espaço urbano de Contagem/MG? A relevância em entender quem são os Arturos, a origem da comunidade, sua história, sua cultura e como se dá sua relação com espaço urbano de Contagem está em reconhecer que a história brasileira tem uma matriz *sui generis*, singular: no sentido de que a formação do Povo brasileiro merece e necessita receber visibilidade e reconhecimento (as culturas europeias, indígenas e africanas, somando-se às relações que se estabeleceram no país, a partir das sociedades já existentes nesse espaço somando-se ao início da colonização pelos portugueses, passando pelo período imperial, república do século XIX-XX, modernização / industrialização / urbanização do País, até os dias atuais). E, portanto, entender as relações dos povos tradicionais brasileiros é proporcionar momentos de reflexão sobre a própria formação histórica do País. Os Arturos despontam, sob esse ponto de vista, como resistência, como *resíduo*, uma vez que desde a fundação da comunidade, muito tempo se passou e houve muitas mudanças na cidade, e conseqüentemente, também na vida dos moradores quilombolas que convivem numa cidade transformada pelo tempo, quando na verdade, sua origem e construção inicial das relações estavam ligadas a um entorno rural. Desse modo, o espaço entorno dos domínios Arturos apresentavam-se largos, amplos e com o passar do século foi, cada vez mais, tornando-se estreito, escasso em alguns elementos essenciais para as práticas arturas. Assim, entendemos que o povo Arturo representa a ligação entre as relações estabelecidas em um modo de produção já superado com o atual modo de produção. Ou seja, os Arturos têm sua origem ligada ao modo de produção escravocrata, surgiram como resistência aos processos degradantes daquele momento histórico e perpassam décadas de transformações socioespaciais, também como resistência, e convivem com a avassaladora modernização das relações que se impuseram, em especial, nas últimas décadas.

Tais processos modernizantes trouxeram consigo a urbanização brasileira que atingiu seu ápice a partir da década de 1990, com forte caráter “hipermetropolizante”

(BRITO, 2006). Neste contexto, está inserido o município de Contagem/MG, por se encontrar na RMBH (Região Metropolitana de Belo Horizonte), espaço urbano onde vivem os Arturos, na condição de comunidade, em território reconhecidamente quilombola. É também espaço de representação (LEFEBRE, 2006) de muitas de suas manifestações culturais.

O espaço de representação se vê, se fala; ele tem um núcleo ou centro afetivo, o Ego, a cama, o quarto, a moradia ou a casa; - a praça, a igreja, o cemitério. Ele contém os lugares da paixão e da ação, os das situações vividas, portanto, implica imediatamente o tempo. De sorte que ele pode receber diversas qualificações: o direcional, o situacional, o relacional, porque ele é essencialmente qualitativo, fluido, dinamizado". (LEFEBRE, 2006, p.42)

Ou seja, as práticas arturas são elaboradas a partir das suas crenças, das suas devoções, costumes e, por isso, são possuidoras de significado, caracterizando os Arturos como um povo tradicional. Tais práticas possuem íntima relação com um antigo modo de viver e produzir o espaço. São ainda reveladoras de como a vida se desenvolve em um espaço *residual* e como esse desenvolvimento é impactado pelos agentes externos e, ainda, de que modo este grupo tradicional interfere na produção externa aos seus domínios físicos, territoriais. Desse modo, cabe aqui reconhecer que as fronteiras físicas delimitam relativamente, mas não absolutamente.

Algumas indagações: podemos esperar que os povos tradicionais vivam, atualmente, como viviam na sua origem? Se a sociedade inteira se transformou, devemos esperar que os povos tradicionais tenham, hoje, suas relações socioespaciais inalteradas, tal qual como de seus antepassados, para que os consideremos povos tradicionais? Espera-se que o quilombola tenha a prática de pilar¹o arroz que vai consumir, se este não tem, nem mesmo, terras suficientes e adequadas para o plantio do arroz a ser pilado? Entender como este povo que, em grande medida, resiste àquilo que propõe seu desmantelamento ao longo tempo, com

1 - Limpar o arroz no pilão. Tirar-lhe a casca por meio da maceração em pilão de maneira artesanal.

suas tradições num ambiente que está sempre sendo modificado (seja por causa das novas tecnologias, por estar inserido no intenso processo de urbanização que o cerca, ou com a industrialização por perto e pelo modo como seus integrantes que convivem com as pessoas “de fora” da comunidade absorvendo novos aprendizados) consiste em reconhecer a riqueza da sua contribuição social. Consiste ainda, em admitir que esse povo também passou por transformações ao longo do tempo. Entendemos que, do mesmo modo que a sociedade inteira se transformou, não podemos esperar que um povo, para ser considerado Povo Tradicional, tenha que viver do mesmo modo que há cem anos. Contudo, suas normas, tradições e costumes ainda presentes tornam os um grupo *sui generis*: um Povo. Portanto, propomos neste estudo, que o entendimento de que uma comunidade tradicional esteja compreendido como comunidade tradicional contemporânea. Assim, temos ciência que aquilo que confere a noção de povo tradicional aos arturianos é o seu conjunto cultural: seus saberes, seu sincretismo² religioso, o simbolismo das suas festas, objetos simbólicos e a identidade com o território com o qual se relaciona secularmente, ainda que atualmente esteja restrito às métricas da racionalidade da urbanização moderna.

Desde que a comunidade foi fundada, alguns espaços do Centro de Contagem, foram modificados. O templo religioso, a igreja³, por exemplo, construída pelos escravos na origem da comunidade central para a realização de todas as manifestações culturais, foi demolida pela administração do prefeito Newton Cardoso e outra foi construída em outro local, segundo relato do Senhor Juliano, neto do Senhor Artur. Este episódio, ainda hoje, questiona o valor simbólico da atual igreja, trazendo muita tristeza àqueles que participam da comunidade e se ressentem de não terem mais aquele importante espaço de representação. Há outros conflitos na realidade cotidiana dos Arturos, como a falta de segurança e as fronteiras da comunidade, que são abertas, o que resulta, por sua vez, em diversos infortúnios.

2 - Sincretismo religioso é a adaptação de diferentes manifestações religiosas que se juntam, mantendo algumas características de origem.

3 - Localizada à Rua Cristóvão Macedo, nº578, no bairro Alvorada em Contagem/MG.

Contudo, os Arturos afirmam que o acesso à comunidade não será limitado em respeito à vontade dos mais velhos que têm valores ligados à origem da comunidade e não entendem as necessidades dos tempos atuais. Como já afirmamos anteriormente, as transformações sociais impõem profundas mudanças à comunidade, que acabam por modificar suas relações socioespaciais, contudo, não é tarefa fácil para grupo, fazer com essas modificações não afetem seus costumes.

As festas religiosas dos Arturos, assim como de outras comunidades quilombolas e povos negros no Brasil (MESQUITA, 2005), são baseadas na cultura oriunda dos povos africanos, mas também sofre influência indígena, europeia e foram adaptadas à realidade concernente a cada momento histórico. Considerando ainda que tanta diversidade tenha se submetido ao crescimento e engendramento pelos processos urbanos, numa cidade que é muito populosa, formada, especialmente, pela chegada de imigrantes da ordem modernizadora no Brasil (BRAGA, 2011), é legítimo que houvesse tantas outras interferências culturais e modificações no que concerne à cultura daquela comunidade, tanto no modo de como se relacionam entre si e como território hoje, quanto em relação às festas, preferências musicais, crenças religiosas e demais manifestações socioculturais.

Em 2013, a Comunidade foi reconhecida como Patrimônio Imaterial pelo IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico), segundo a FUNDAC (Fundação Cultural de Contagem/MG). Portanto, devem proteger seu patrimônio cultural que foi construído a partir das crenças religiosas e dos costumes simbólicos para a comunidade. Nesse sentido, o Povo Arturo passa por alguns sérios questionamentos internos: alguns moradores são adeptos do evangelho cristão de origem protestante (evangélicos, crentes) que põe em questão as origens religiosas do grupo, enquanto isso, os moradores mais velhos não têm conhecimento do que vem a ser Patrimônio Imaterial, e nem as “ameaças” que a evangelização protestante pode trazer à comunidade, segundo entendimento de alguns membros dos Arturos. Portanto, as relações externas à comunidade propõem transformações e reflexões constantes. Mesmo assim, é possível perceber o empenho de netos, bisnetos e os filhos do senhor Arthur Camilo Silvério para preservar os costumes da comunidade, como foi construída pelos seus fundadores primeiros. Segundo o que relatam os filhos, era o sonho do Senhor Arthur manter todos unidos, seguindo todas as tradições religiosas e manifestações culturais, práticas de algumas atividades dos antepassados e a sua

preocupação em ensinar aos mais jovens, para dar continuidade à comunidade e à sua cultura. No nosso modo de entender, o sonho e o esforço empreendidos foram o modo pelo qual o Senhor Arthur e seus companheiros encontraram para a resistência que o momento histórico demandava. Em um Brasil rural, cuja existência estava ligada à terra e ao cultivo, individualmente, cada um estaria à mercê das intempéries sociais. Porém, unidos, em coletividade, poderiam ter o acesso à terra (ainda que uma área pequena) e juntos se fortaleceriam como grupo social, o que tornaria possível sua (re)produção.

A relevância em conhecer e entender como se relaciona e vive uma comunidade tradicional (quilombola), em um espaço cada vez mais urbanizado, pressionado pelo desenvolvimento do/no seu entorno, justifica-se pela necessidade em preservar a nossa matriz histórica, que além de ser parte da história da cidade, é parte da história de construção e transformação do País no qual esta se insere. Nesse propósito, o presente trabalho busca entender quais são as estratégias dos Arturos no esforço de preservarem suas manifestações culturais, em meio à tecnologia com entretenimento de consumo, e ao acesso a outros atrativos para os jovens e crianças, sendo que é atribuída a eles a responsabilidade institucional de dar continuidade à existência e à cultura da comunidade. É nesse sentido que o título de Patrimônio Imaterial os questiona, a todo o tempo, sobre como lidar com as transformações sociais sem perder o caráter de povo tradicional.

O Arturos é uma comunidade quilombola afrodescendente com o legado de ter fomentado condições para a continuidade de tradições centenárias. Seu cotidiano assemelha-se ao de outros cidadãos contemporâneos, que trabalham e estudam em carga horária estabelecida em legislação nacional por um conjunto de regras sociais gerais, que não se restringem a essa construção. Os cuidados com a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, o congado e outras tradições dos familiares ocupam uma boa parte do tempo de cada um deles, além do fato de que os mais velhos são receosos em atender os pesquisadores, não gostam de gravar vídeos e nem áudios. Com isso, existiu dificuldade no acesso a algumas informações que poderiam enriquecer ainda mais o trabalho. Se esse foi o desafio, também foi estímulo e motivo de ânimo para tentar entender os Arturos, incluindo seus critérios como ferramenta de investigação.

Objetivo geral

O objetivo dessa pesquisa é saber e entender como vive a comunidade dos Arturos nos tempos atuais, a partir da compreensão da sua produção histórica. E, diante do crescimento e modernização das relações socioespaciais impostas pela produção dos espaços da cidade, quais são os conflitos enfrentados e as estratégias construídas para manterem suas tradições, o que lhes confere o título de Patrimônio Imaterial. E, ainda, de que modo o grupo se mantém como comunidade e quais são as características que os aproximam do grupo original, conforme planejou e desejou o fundador Senhor Arthur Camilo Silvério.

Dessa maneira, buscar entender os limites e as possibilidades das relações com o espaço urbano de Contagem/MG, o avanço da urbanização ao seu entorno, muitas vezes de modo conflituoso e, por fim, saber qual o sentido de viver como Povo Tradicional, numa comunidade urbana, em tempos modernos.

Objetivos específicos

Entender e conhecer a comunidade dos Arturos é relevante devido ao fato de ser um povo que conta a nossa história, ajuda e ajudará sempre a contar o nosso passado e a compreender como se deram as relações construídas no Brasil a partir da chegada dos povos que aqui foram escravizados, bem como o lugar social desse povo a partir das legislações de libertação, alforrias e da Lei Áurea. Uma comunidade quilombola que resiste à modernização, mantendo e preservando a história com todas as suas tradições culturais, deve ser algo valorizado por toda sociedade, mas, especialmente pelos pesquisadores e pela academia científica.

Justificativa

Esta pesquisa pode colaborar com estudos, e futuros trabalhos acadêmicos por conter informações importantes na busca de se entender como começou e como o povo Arturo se encontra nos dias atuais, após decorrido tanto tempo da criação da comunidade dos Arturos, assim como as mudanças ao longo de 100 anos de sua existência. Acreditamos que pode contribuir, também, com a comunidade dos Arturos, uma vez que as lideranças se utilizam dos trabalhos acadêmicos para demonstrarem a todos integrantes e moradores a importância da comunidade para cidade. Dessa forma, evidencia-se para o povo da comunidade a necessidade em se dar continuidade às suas manifestações culturais, porque atribui sentido à produção dos Arturos, e também porque faz parte da história de Contagem/MG e da formação do povo brasileiro.

Metodologia

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa descritiva, de análise e algumas elaborações dentro dos limites que uma investigação deste porte nos propõe e nos impõe. Os estudos têm base na revisão bibliográfica sobre os temas cultura, povos tradicionais, comunidade, dentre outros, além do levantamento de material publicado sobre os Arturos em publicações acadêmicas, revistas e jornais impressos e em meio eletrônico.

Na busca por atender os objetivos propostos, foram realizados vários trabalhos de campo, com perguntas para direcionar conversas com os moradores e diretores da comunidade que muito contribuíram para a compreensão e análises aqui elaboradas. Sendo assim, com uso do recurso de gravação no telefone celular (Motorola Moto G 3ª geração), foi possível fazer entrevistas, que posteriormente foram transcritas à caneta em cadernos de rascunhos, somadas aos registros de anotações

das conversas, além de fotos da presente autora e do acervo de fotos antigas com as quais se torna possível a realização de comparações.

Isto posto, o trabalho se propõe também como uma pesquisa qualitativa: por utilizar-se de entrevistas e, a partir de suas análises, para aprofundar os assuntos relevantes, o que permitiu entender com mais clareza as demandas, os conflitos, as relações que estão postas na comunidade, os vários pontos de vista dos seus agentes e as novas situações que são impostas na atualidade à comunidade, devido à acentuada modernização das relações.

Cronograma do desenvolvimento do trabalho

GABINETE	PESQUISA DE CAMPO	ANÁLISE E REFLEXÕES
Período: Abril/2015 – Dezembro/2015	Período: Janeiro/2016 – Agosto/2017	Período: Junho/2016 –Dezembro/2017
Definição do tema.	Observação no perímetro da Comunidade e conversas.	Observações nas fotos das pesquisas de campo e encontro com a orientadora.
Levantamento bibliográfico.	Observação, fotografias e conversas.	Organização de informações das conversas na pesquisa de campo.
Levantamento documental.	Conversas, depoimentos e fotografias.	Análises e organizações de tópicos, para elaboração de texto.
Plano de redação da pesquisa.	Entrevistas com questionário.	Transcrever depoimentos.
Fichamento de texto, artigos e livros.	Fotografias e observação da festa da Abolição.	Análise de fotos e transcrever depoimentos.
	Fotografias de alguns pontos de Contagem/MG.	Redação/elaboração da pesquisa por meio dos subsídios bibliográficos, documentais e campo.
	Entrevista com Sr. José Bonifácio.	Revisão da redação.
	Fotografias	Entrega do Trabalho de Conclusão de Curso para a banca examinadora.
		Preparação para apresentação e banca avaliadora.
		Defesa da apresentação.

1 QUEM SÃO OS ARTUROS E AS SUA (RE)EXISTÊNCIA DIANTE DO CRESCIMENTO URBANO?

Os Arturos compõem uma comunidade de descendentes de negros escravizados e não escravizados que têm como patriarca o negro Artur Camilo Silvério, fruto da união de Camilo Silvério e Felisbina Rita Cândida. Artur Camilo nasceu em 1880, no tempo da “Lei do Ventre Livre”, e por ser muito maltratado quando criança, fugiu, mas teve que sobreviver às opressões e escravismo do padrinho e patrão. Em 1917, casou-se com Carmelinda Maria da Silva e juntos tiveram 11 (onze) filhos, e os filhos moravam junto aos pais mesmo após o casamento, em casas construídas dentro da comunidade.

Devido ao seu passado de sofrimento, sendo um dos momentos mais marcantes a separação dos familiares – quando os escravos perdiam seus entes queridos e nunca mais os viam –, o Senhor Artur pensou na possibilidade de manter toda família sempre unida. Com o término da escravidão (em 1888) e tendo Artur apenas 8 anos, seu pai, Camilo Silvério, que havia acumulado pequenas pedrinhas de diamantes do garimpo enquanto era escravo, adquiriu e doou para a Irmandade do Rosário de Contagem /MG um terreno, que mais tarde se tornou a Comunidade dos Arturos, com o ideal fortalecer as raízes com seus antepassados, mostrando que neste terreno poderiam viver juntos, sem a hipótese da separação que fora tão traumática, havendo a mútua cooperação e exercitando a fé em Nossa Senhora do Rosário.

A Irmandade Nossa Senhora do Rosário é o ponto central da comunidade e o que fundamenta a união de todos, seguindo e construindo uma hierarquia. Os fundadores e patriarcas são Artur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva, e os seus filhos Conceição Natalícia (Tetane), Juventina de Paula (Intina), Maria do Rosário (Induca), José Acácio (Zé Artur), Izaíra Maria (Tita), Antônio Maria, João

Batista e Joaquim Bonifácio (Bil). Além da Irmandade⁴, tem o congado⁵ e a coletividade como tradição e identidade cultural.

Na transição do tempo da escravidão para a liberdade na sociedade ainda de mentalidade e cultura escravocrata, a comunidade teve muita dificuldade em se manter, sendo a pobreza material uma característica constante. Estava posto um dos muitos desafios: existir de modo novo, (re)existir. (Re)existir como resistência. Resistir a quê? Aos processos desestruturantes das relações que conheciam, numa proposta de uma existência que fizesse sentido nas novas relações que se estabeleciam e assim, historicamente, foi necessário que o Povo Arturo se reinventasse a cada tempo.

Inicialmente, as casas eram muito simples e rústicas, pensadas e construídas às necessidades mais básicas e pelos próprios moradores, a partir de recursos disponíveis na natureza (segundo o que nos relataram em depoimentos). Os móveis e utensílios eram fabricados por eles mesmos ou por artesãos das suas relações. Usavam fogão à lenha, não havia cercas ou energia elétrica, sendo que esta só chegou na Comunidade na década de 1980, assim como água encanada e esgoto. Segundo os relatos do senhor José Bonifácio (Bengala)⁶, a maioria dos moradores vendia sua força de trabalho nas fazendas nas cidades de Esmeraldas e Contagem, ambas em Minas Gerais (RMBH). Ou ainda, em alguns casos, trabalhavam na agricultura dentro da Comunidade em terras arrendadas, sempre ligados à produção na terra. O Senhor Artur, em seu leito de morte, fez as filhas jurarem que não trabalhariam em Belo Horizonte como empregadas domésticas em casa de família, temendo que as filhas fossem abusadas pelos patrões. Tal pedido faz sentido, por conta de eventos de abuso vividos por mulheres negras próximas a ele, assim como

4 - Irmandade é um grupo de pessoas que se juntam para exercer a devoção a um santo católico.

5 - Congado é uma manifestação cultural afrodescendente, que tem cânticos, danças e fardas para homenagear Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

6 - José Bonifácio, o Sr. Bengala em entrevista concedida à autora em 1º/06/2017, no município de Contagem/MG.

maus tratos nos tempos dos escravos. Tal pedido revela-nos a condição da mulher negra na sociedade escravocrata e na sociedade que se construiu a partir dessas relações sociais de subjugo e dominação.

Diante da necessidade de superação da escassez de recursos materiais, os Arturos precisaram forjar equipamentos e instrumentos que favorecessem sua produção. Assim, muitos objetos e o próprio espaço de vivência tornaram-se simbólicos, uma vez que neles está contida a história e a própria condição de existência dos Arturos como Povo. A reverência dos Arturos, a sua história junto aos espaços sagrados, íntimos e aos objetos, encontra significado na memória de um Povo que surgiu e se (re)produziu a partir da reação às fragilidades e intempéries a eles impostas pelas forças sociais hegemônicas, mas também, a partir da criatividade, do lúdico, dos momentos de lazer e reunião.

Para ser considerada uma comunidade, o grupo deveria se mover em conjunto indissolúvel e comprimido que será capacitado e direcionado pelo próprio composto por seus integrantes. Max Weber (1987, p.77) define de forma esclarecedora e pertinente o conceito de comunidade:

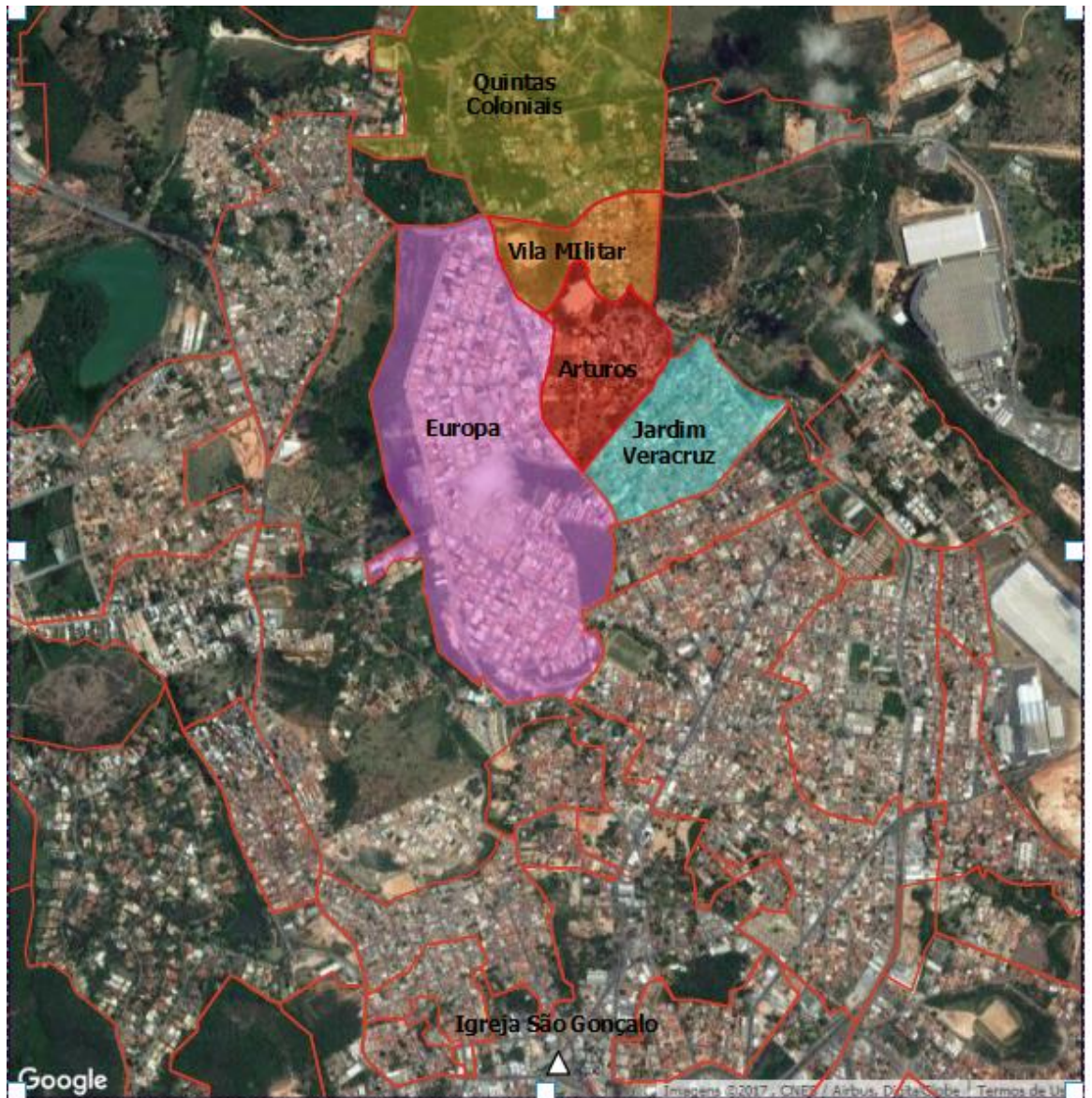
Chamamos de comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da ação social, na média ou no tipo-ideal, baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes.

Tal definição confere o entendimento de comunidade aos Arturos porque da própria solidariedade surge o espaço e, por meio das intenções de proteção e de união do grupo, as atitudes solidárias serviram como teia/amálgama de interligação entre as famílias que se constituíram naquele momento inicial e que se reproduziram nos seus descendentes.

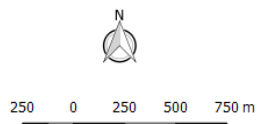
A comunidade dos Arturos está localizada no município de Contagem/MG, no bairro Jardim Vera Cruz, rua Capelina 50 e tem o terreno com aproximadamente 6 (seis) hectares, entre os bairros: Vila Militar e Bairro Europa (Mapa 1). Desde a década 1990, devido ao grande crescimento demográfico das famílias descendentes do Senhor Artur, muitos deles foram residir em outros bairros como Quintas Coloniais,

Praia, Olinda e Jardim Vera Cruz, que são bairros próximos à comunidade, havendo também quem resida em bairros mais distantes, como Liberdade, Maracanã, Ressaca, Riacho e outros. Todos esses descendentes Arturos que residem fora da comunidade têm os seus lugares reservados nas cerimônias e buscam participar, sempre, de todos os momentos de representação cultural e da produção do “espaço arturo”, do cotidiano de seus familiares, principalmente nas preparações das grandes festas dos meses de maio e de outubro, quando são celebradas, a Abolição da Escravatura e a Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Cartograma 1 – Comunidade dos Arturos Município de Contagem/MG.



**COMUNIDADE DOS
ARTUROS MUNICIPIO
DE CONTAGEM - MG**



Legenda

- △ Igreja São Gonçalo
- Comunidade dos Arturos

Bairros

- Europa
- Jardim Vera Cruz
- Quintas Coloniais
- Vila Militar

FONTE DOS ARQUIVOS VETORIAIS: PREFEITURA MUNICIPAL DE CONTAGEM

FONTE DAS IMAGENS DE SATÉLITES: OPEN LAYERS PLUGIN (GOOGLE)

DATA DE CRIAÇÃO: 15/08/2017

AUTOR: JAILSON J. FARIAS

SOFTWARE UTILIZADO: QUANTUM GIS

VERSÃO DO SOFTWARE: 2.14

DATUM: SIRGAS 2000

SISTEMA DE COORDENADAS GEOGRAFICAS

Fonte: Acervo da Autora, 2017.

As referências espaciais da Comunidade encontram-se na Sede, local de importância evidente e extrema para as etapas dos rituais inerentes à religiosidade dos Arturos. A fé e a memória dos Arturos funcionam como uma “cápsula” de proteção aos processos desestruturantes que se impõem à comunidade. É o conjunto de saberes, ritos, crenças e simbolismos que permitem que ocorra a vivência de experiências cotidianas externas à comunidade, isto é, experiências “extra sede”, sem que essas provoquem diminuição sobre a força das origens dos Arturos no que se refere aos seus costumes, seu conjunto cultural.

Segundo censo da FUNDAC –Fundação Cultural de Contagem/MG – (2014), os descendentes arturianos compõem-se de cerca de 500 (quinhentos) e a maioria reside dentro da Comunidade (VIEGAS, 2015). Todas as casas têm água, luz elétrica e esgoto e a rua é asfaltada em grande extensão, com blocos de concreto. Os limites atuais do território Arturo são muito diferentes daqueles originais, de cem anos atrás. Se outrora vivíamos num país com características rurais, a modernização iniciada nos anos 1930 a 1970 trouxe-nos nas décadas posteriores o advento da metropolização dos centros urbanos. Nesse contexto foi engendrado o espaço urbano de Contagem, que hoje compõe a RMBH e é uma cidade de perfil acentuadamente urbano-industrial. O espaço e os elementos naturais manuseados nas atividades arturas foram drasticamente reduzidos, segundo nos dão conta os membros da comunidade.

Mesmo com os espaços cada vez menores, ainda se criam alguns animais como vacas, cavalos e porcos, contudo, muitas outras atividades são impossíveis de serem exercidas. Existe uma pequena área onde alguns desses animais são alocados e, para realizarem todo ano a brincadeira de um ritual agrário, o João do Mato, que é a representação de uma erva daninha por uma pessoa toda coberta de ramos, eles precisavam confinar esses animais no fundo dos lotes dos proprietários. Assim

plantavam as roças de milho e feijão, conforme relato do Senhor José Bonifácio (Bengala)⁷.

A Comunidade dos Arturos resiste há cerca de 100 (cem) anos, mantendo com muita dedicação as tradições herdadas dos seus antepassados. A comunidade acabou por entender que seu percussor Artur estava certo: a manutenção dos seus costumes, das tradições, da sua cultura de modo geral, lhe conferiu a peculiaridade capaz de distingui-la como comunidade tradicional. Uma tradição reconhecida por terceiros, aqueles que certificam e determinam certas legitimidades ou não, como é próprio do mundo moderno: atribui-se um conceito dentro de alguns parâmetros e regras, para dar certificação de genuíno, verdadeiro. E, ainda que possamos fazer todas as críticas aos limites impostos por critérios estabelecidos pelos grupos dominantes da sociedade moderna, precisamos reconhecer que foi por meio desse reconhecimento que os Arturos forjaram mais uma vez, as condições da sua (re)existência. O reconhecimento da sua condição de comunidade tradicional faz com que as ideias do Senhor Arthur vivam na existência do Povo Arturo. O legado deixado pelo Senhor Artur é alvo de muitos cuidados pelos membros, mas também por pessoas que não fazem parte da comunidade, como pode ser observado nas festividades da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e na Festa da Abolição da Escravatura. Atualmente, quem mais cuida de toda a comunidade e de suas tradições, são os netos e a demais parentes e agregados do Senhor Artur. Em 2014, receberam o título de Patrimônio Imaterial, cedido pelo IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico), segundo informações da FUNDAC (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2014).

A Comunidade dos Arturos obteve no dia 4 de junho de 2014, em reunião no auditório da Prefeitura de Contagem, a aprovação, por unanimidade, do Registro de Patrimônio Cultural Imaterial de Contagem pelo Conselho Municipal de Patrimônio Cultural de Contagem (Compac). O Registro

7 - Ibidem.

Municipal ocorreu oito dias depois da aprovação como Patrimônio Cultural Imaterial de MG, pelo Conselho Estadual de Patrimônio (Conep). O título é o primeiro concedido no município e o primeiro destinado a uma comunidade em Minas Gerais⁸.

Com a crescente urbanização, que transformou significativamente o uso e os espaços nas cidades, há também desafios impostos aos moradores da comunidade que foram obrigados a resistir à ocupação industrial em seus espaços. Para Santos (1996), há “a proposta que o ESPAÇO seja definido como um conjunto indissociável de sistema de objetos e de sistemas de ações”. Nessas ações, as transformações e interações com o espaço assinalam suas atividades e em si mesmos enquanto produtores destes espaços. Com isso, os Arturos cravaram neste território contagense sua espacialidade em que as apropriações se fazem presentes com suas marcas, fazendo história. Como resultado desta transição, adquiriram uma forte experiência urbana que se define e se expõe em uma clara resistência de povo tradicional.

A resistência dos Arturos (aqui entendida como as condições construídas para existir de outro modo diante das “intempéries”), em relação a tantos processos desestruturantes, define-se em um processo no qual os sujeitos, na sua contínua busca pelo desenvolvimento pleno da sua humanidade, se estabelecem de forma convicta, sendo presente a sua história, reiterando, criativamente, sua existência. Por isso é que esse termo (resistência) se faz presente quase que diariamente na comunidade e nos ideais dos Arturos, enquanto o tempo todo, tais processos se manifestam e questionam a existência dos Arturos.

De forma central à resistência artura, a união da fé e da tradição (que resultam da religiosidade) faz com que a definição dos modos de pertencimento e de como lidar com o tempo e o espaço seja moldada de maneira a inserir a tradição nos movimentos da cidade de Contagem, ou seja, a inserção da tradição de origem de tempos rurais,

8 - Em <http://www.fundaccontagem.com.br/patrimonio/36> ago 2017.

no contexto urbano contemporâneo. Os Arturos têm rituais sincréticos organizados, que rodeiam e adornam a fé católica voltada a santos, mas demudado em divindades africanas. A Comunidade dramatiza a sua história e a de seus descendentes em práticas socioespaciais, que delineiam de forma clara como se inserir no mundo moderno: apesar de entenderem que as relações atuais exigem muitas transformações aos arturianos, estes também compreendem que sua essência encontra-se nas relações forjadas no passado, em momento produtivo anterior ao que vivem atualmente e que as práticas ali construídas lhes dão sustentação na construção das novas relações.

Práticas como levantamento de mastros⁹, novenas, cumprimento de promessas, cantos, danças, banquetes coletivos, coroações de reis e rainhas dentre outros, compõem os rituais que praticam nas celebrações aos seus antepassados e santos de suas crenças, como está descrito no quadro abaixo.

9 - Levantamento de mastro é a colocação de uma imagem de santo no mastro, que é um tronco de madeira bem alto no qual colocam a bandeira com a imagem na ponta.

Quadro 1 – Celebrações dos Arturos

Festas / Celebrações		Principais Referências	Período	Abrangência	Natureza
Candombe		Alta hierarquia dos Arturos (patriarca, capitães...)	Precede as festas de Nossa Senhora do Rosário e da Abolição*	Interna	Religiosa / Devoção
Festa da Matina		Guardas de Congo, Moçambique e alta hierarquia dos Arturos	Ocorre na madrugada do domingo nas festas de Nossa Senhora do Rosário e da Abolição	Externa / Interna	Religiosa / Devoção
Ciclo do Rosário	Abertura do reinado	Guarda de Moçambique, Guarda do Congo e Corte Real (Reinado)	Abril (Sábado de Aleluia)	Externa / Interna	Religiosa / Devoção
	Festa de Nossa Senhora do Rosário		Outubro		
	Fechamento do Reinado		Final de novembro ou dezembro		
Ciclo Natalino	Festa do João do Mato	Mutirões de capinadores e João do Mato	Dezembro	Interna	Rito agrário
	Folia de reis	Foliões e Mascarados	Dezembro a fevereiro	Externa / Interna	Religiosa / devoção
Festa da Abolição		Guarda de Moçambique, Guarda do Congo, Corte Real, escravos e cavaleiros de São Jorge	Maio	Externa / Interna	Rito e lamentação
Celebrações ligadas a São João	Levantamento da Bandeira de São João	Comunidade em geral	Junho	Interna	Religiosa / devoção
	Arraiá dos Zatur	Quadrilhas	Junho ou julho	Interna	Comemorativa / Bizzaria
	Gincana	Jovens arturos	No dia seguinte ao Arraiá dos Zatur	Interna	Religiosa
Benzeção		Mário da Luz (patriarca arturo)	Sem temporalidade específica	Interna	Religiosa
Batuque		Comunidade em geral	Sem temporalidade específica	Interna	Bizzaria / finalização ritual (<i>dever cumprido</i>)
Pagamento de visitas		Guardas de Moçambique e do Congo	Sem temporalidade específica	Externa	Religiosa / devoção

Fonte: VIEGAS, 2014, p. 274.

Assim, em torno da religiosidade, com o objetivo da realização das práticas culturais, muitas técnicas foram urdidas para dar suporte à produção de tambores, imagens, adornos, entre outros. A produção de objetos e itens representativos da cultura artura tornaram-se simbólicos por trazerem em si a história do modo de vida dos arturos. Se não existem as condições para produção desses materiais atualmente, a aquisição deve se dar de outras maneiras. E objetos antigos, utilizados em várias manifestações culturais pelos antepassados arturos, tornaram-se emblemáticos, somando-se ao conjunto imaterial da cultura e identidade artura.

É de forma clara e convicta que a construção da identidade e a vivência da fé em Nossa Senhora do Rosário e outros santos católicos, resultam no sincretismo religioso e no rigoroso respeito ao ancestral que é demonstrado por meio do Congado. Tal celebração é um exemplo da espiritualidade que resulta em devoção peculiar. Segundo Canclini (1995, p.70-1), “o entrelaçamento desses elementos veio a engendrar o que designou como culturas híbridas”. Esse hibridismo cultural, na comunidade artura, tomou status de instrumento da resistência artura. Tendo a vida cotidiana cultural muito intensa, percebem-se diversas situações/condições do dia a dia que interagem e se inserem às celebrações, ajudando a compor um complexo processo que ultrapassa as questões religiosas que atingem outros elementos da vida social. Tais elementos são importantíssimos no sentido da existência da comunidade, frente às pressões impostas da produção do urbano.

Diante desse complexo processo de (r)existência dos Arturos, com o advento do crescimento urbano no qual a Comunidade está inserida, é fato que existem grandes transformações, como aumento dos membros da comunidade, transformações das relações rural-urbana, extinção de suportes materiais da memória local, o empobrecimento de narrativas e o forte apelo à exposição espetacular da cultura de forma exuberante e à presença do Estado.

Mesmo com intenso processo de urbanização, a propriedade continua com os mesmos 6 (seis) hectares. No início, a comunidade tinha atividades tidas como rurais, como os tropeiros que buscavam lenha e colocavam na estrada para encher o caminhão, construíam carro de boi e faziam carretos, faziam polvilho e farinha de mandioca com matéria-prima que eles mesmos plantavam em conjunto com a fazenda vizinha do Senhor Joviano Camargo que tinha o engenho e ainda existe nos tempos

atuais, ainda que não com a mesma produtividade. O Senhor Joviano deixava plantar, na modalidade “à meia¹⁰”, mandioca em suas terras e deixava os Arturos pegarem mantimentos no armazém para pagar com a farinha que tinham da divisão (do “à meia), conforme relatos do senhor José Bonifácio (Bengala)¹¹.

Os primeiros vizinhos urbanos chegaram na década de 1960 no mesmo bairro, Jardim Vera Cruz, onde ficou inserido o antigo Sítio Domingos Pereira e que, atualmente, denomina-se Comunidade dos Arturos. O bairro Jardim Vera Cruz foi o que teve maior expansão ao longo do tempo, seguido pelo bairro Vila Militar e o Bairro Europa. A única rua da Comunidade foi asfaltada há aproximadamente quinze anos, sendo que foi doação¹² da Prefeitura do desmanche de uma praça, e os próprios moradores trabalharam na pavimentação em mutirões organizados no entorno da comunidade. Os primeiros Arturos trabalhavam na agricultura de subsistência e em outras atividades, conforme já mencionado. Atualmente, os trabalhadores da comunidade têm diversas ocupações como, por exemplo, em indústrias e setor público – principalmente na Prefeitura de Contagem/MG. Mas ainda existem alguns integrantes que trabalham em fazendas, cuidando de roças e como zeladores da Fazenda das Abóboras em Contagem/MG, que atualmente não produz nada do gênero agrícola, e conforme relato de José Bonifácio (Bengala)¹³ a propriedade é mantida apenas como proteção à propriedade.

10 - À meia é quando um proprietário da terra permite o cultivo em suas terras e metade da produção fica com os trabalhadores e a outra metade da produção fica com o proprietário da terra.

11 - Ibidem.

12 - Os moradores consideram doação porque não tinha projeto da Prefeitura de Contagem para asfaltar a rua da comunidade.

13 - Ibidem.

As mulheres desempenham um papel importante na comunidade. Nas palavras do Senhor José Bonifácio¹⁴, “ai de nós se não fossem elas”. São elas que trabalham na manutenção e organização das grandes festas, são presentes em maior número no congado e com mais frequência. Ainda conforme o Senhor José Bonifácio (Bengala), foram elas as primeiras a adquirirem permissão para dirigir, com a aquisição da Carteira de Habilitação Nacional (CNH), e as primeiras terem diploma de curso superior, sendo que este, atualmente, nenhum homem da comunidade possui. Não há distinção de trabalhos para elas, e geralmente são as primeiras a chegar para quaisquer atividades. O papel da mulher arturiana é fundamental, porque são elas que passam a maior parte do tempo com os filhos e, assim, ensinam no cotidiano o que é a comunidade, seus costumes, os ensinamentos religiosos e tudo o que é preciso fazer para dar continuidade ao que o fundador, Senhor Artur, começou.

Ao se fazer a análise sobre a Comunidade dos Arturos nos tempos atuais, é relevante entender como está depois de passados 100 (cem) anos da sua fundação. Assim, verificam-se as relações com os de fora, seja devido ao crescimento acelerado provocado pela urbanização, pelos conflitos gerados com essas transformações, pelo sentido de se viver em comunidade e pelo uso do espaço Centro Urbano de Contagem/MG para as manifestações culturais. Estes espaços da cidade são considerados sagrados, de valor histórico-afetivo.

14 - Ibidem.

2 AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA COMUNIDADE DOS ARTUROS NO CENTRO URBANO DE CONTAGEM-MG

Na cidade de Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte/MG, encontra-se uma comunidade quilombola que necessita do espaço urbano para realizações de suas manifestações culturais, conforme demonstrado pelas fotos e cartograma abaixo. Seus fundadores, descendentes de escravos, viveram as mudanças da transição do tempo de escravidão para a abolição da escravatura. No século XIX, Contagem fazia parte do mercado dos escravos, sendo assim, seus fundadores viram significativas transformações na cidade ao longo do tempo e durante a fundação da comunidade.

As Fotos 1 e 2 retratam a Casa da Cultura Nair Mendes Moreira, localizada na Praça Belém 01, Centro, Contagem MG, a casa mais antiga da cidade, onde se instalou o Posto Fiscal e de Arrecadação da Coroa Portuguesa no início do século XVIII para controlar a entrada e saída do ouro e de outras mercadorias. O cruzeiro no adro da edificação é um ponto de manifestações religiosas daqueles tempos até os dias atuais e são os Arturos que mais usam. Uma das mercadorias que passava neste ponto de registro eram os escravos, por isso este é o ponto das celebrações do dia 13 de maio na Festa da Abolição da Escravatura no Brasil –representada na foto 1, conforme Atlas (2009). A foto 3 é o centro cultural composto por três casas.

(...) um conjunto arquitetônico sendo composto de dois casarões de tipologia colonial (Casa Amarela e Casa Rosa) remanescentes do século XIX e é um casarão em estilo eclético (Casa Azul), construído no início do século XX (por volta de 1936).

Espólio da família do Sr. Randolpho Rocha, funcionavam em suas dependências um botequim, uma barbearia, uma venda e um açougue. (CONTAGEM, 2009)

Foto 1 – Museu Casa da Cultura.



Fonte: VIEGAS, 2014, p.298.¹⁵

Foto 2 – Museu Casa da Cultura.



Fonte: Acervo da Autora, 2017

Nas casas do Centro Cultural, na rua Dr. Cassiano 120, Centro, funcionam um museu, uma biblioteca e um teatro, este na Casa Azul. Os Arturos utilizam o local em frente da Casa Azul, por ser uma área plana e que consegue acomodar os integrantes do congado.

¹⁵Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/IGCC-9QJSHR/tese_maria_ivanice.pdf?sequence=1>.

Foto 3 – Museu da Casa Azul



Fonte: acervo da autora, 2017

Atualmente, os Arturos escolhem este lugar porque este Centro Cultural abriga objetos do regime escravocrata e também faz parte das celebrações da Festa da Abolição da Escravatura do Brasil. A Foto 4 retrata a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, construída pelos Arturos, localizada no bairro Alvorada, rua Cristovão Macedo 578, Contagem/MG, onde são celebradas missas das festas da comunidade e encontro com outras culturas como o do Boi Rosado.

Foto 4 – Igreja Nossa Senhora do Rosário.



Fonte: Acervo da Autora, 2017.

Um dos pilares de uma comunidade são suas manifestações culturais e religiosas e, para a execução de quaisquer das manifestações, há a necessidade de ocupar um espaço que, em se tratando dos Arturos, será um espaço urbano em Contagem, espaço que outrora teve considerável relevância aos seus antepassados. Para Lefebvre (2006) é a representação do espaço, ou seja, a manifestação realiza-se pelo sentido e significado para a Comunidade dos Arturos. Afinal, foram nesses espaços que transitaram os escravos (Cartograma 2), seja trabalhando ou por ser o lugar em que foram comercializados como outra mercadoria qualquer, o que explica a representatividade e simbolismo desses espaços para seu povo e sua cultura. Dar continuidade às manifestações culturais nesses locais é para os arturos um sentimento de aproximação com os seus ascendentes, uma forma de manter suas raízes. Neste contexto, Lefebvre (2006, p.70) afirma:

Os espaços de representação, vividos mais que concebidos, não constroem jamais a coerência, não mais que a coesão. Penetrados de imaginário e de simbolismo, eles têm por origem a história, de um povo e a de cada indivíduo pertencente a este povo.

Para os moradores da comunidade dos Arturos, esses espaços, além de simbólicos, são relevantes por causa de sua história construída, desde o tempo das relações escravocratas de produção até os dias de hoje. Continuar realizando as manifestações culturais, todo ano, nesses mesmos espaços, é uma demonstração de resistência em permanecerem unidos e dar continuidade às suas tradições, herdadas de seus antepassados. É um sempre (re)existir histórico. Por isso, para o Povo Arturo, faz-se necessária a manutenção e valorização desses espaços.

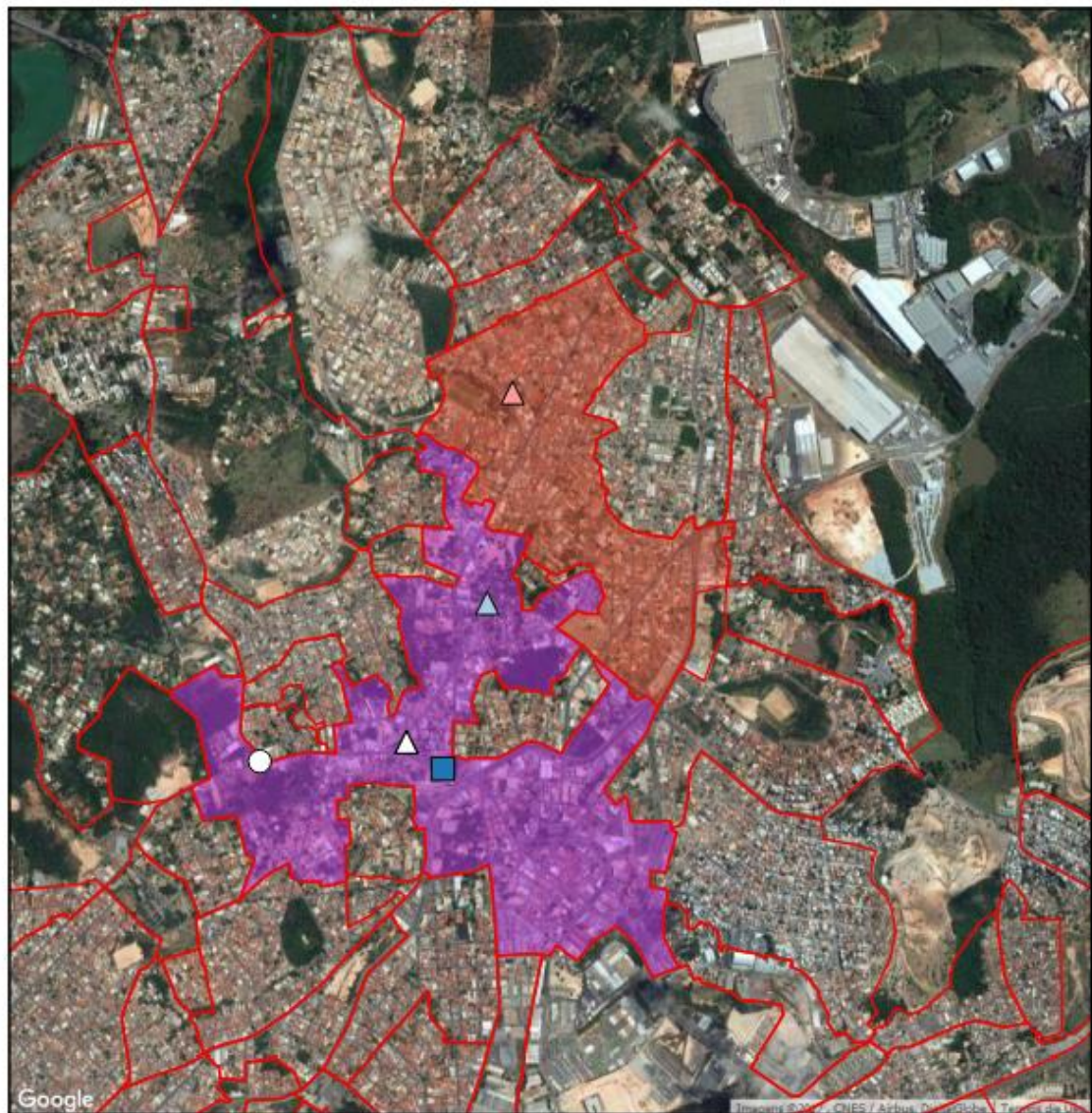
No Cartograma 2 estão representados os espaços urbanos mais usados pelos Arturos, que são os bairros Centro e Alvorada. No centro está localizada a casa da Cultura Nair Mendes Moreira que já aduzimos, a igreja de São Gonçalo que os Arturos usam a escadaria para concentração das manifestações culturais em frente o Centro cultural. No Bairro Alvorada está localizada a Igreja de Nossa Senhora do Rosário que é onde acontecem as missas das celebrações dos meses de maio e outubro.

Conforme, Moraes (2005, p. 25),

O discurso sobre o espaço em si mesmo apreendido enquanto histórico e cultural, pré-ideação básica na produção do próprio objeto sob o qual se exercita. Resgata-se, então, a consciência do espaço diretamente como tema de análise. Tema cuja a compreensão traz luz ao debate maior da valorização de espaço.

Nesse sentido, entendemos que a produção humana, seja ela material ou imaterial, é por si só a produção do espaço. Ao realizar a festa, ao se organizar em relação aos demais grupos da sociedade para com ela se relacionar, ao definir padrões de comportamento, ao definir modos e métodos de uma culinária, de cultos e ensinamentos, os Arturos se definem como comunidade. Ainda que em tempos atuais os lastros comunais se tornem menos intensos ou menos possíveis nos moldes originais, devemos reconhecê-los. Se a própria sociedade se transformou como um todo, não é provável que encontremos na comunidade as mesmas relações (inalteradas) desde a sua constituição.

Cartograma 2 – Pontos das manifestações culturais em Contagem/MG.



**PONTOS DAS
MANIFESTAÇÕES
CULTURAIS EM CONTAGEM
MG**



Legenda

- Casa de Cultura Nair Mendes
 - ▲ Igreja Nova - Nossa Senhora do Rosario
 - △ Igreja São Gonçalo
 - Centro Cultural
 - Limites dos Bairros
- Bairros
- Alvorada
 - Centro

FONTE DOS ARQUIVOS VETORIAIS: PREFEITURA MUNICIPAL DE CONTAGEM
 FONTE DAS IMAGENS DE SATÉLITES: OPEN LAYERS PLUGIN (GOOGLE)
 DATA DE CRIAÇÃO: 16/08/2017
 AUTOR: JAILSON J. FARIAS
 SOFTWARE UTILIZADO: QUANTUM GIS
 VERSÃO DO SOFTWARE: 2.14
 DATUM: SIRGAS 2000
 SISTEMA DE COORDENADAS: GEOGRAFICAS

Deste modo, caracterizamos os Arturos como comunidade contemporânea, nos termos de que as relações, que lhe são externas, se propõem. Afinal, essa comunidade se propôs a ser distinta do meio em que estava inserida, contudo, sem se fechar para as relações com esse meio. Consideramos, então, tal grupo social como comunidade, devido ao grau de desenvolvimento das suas tradições e à identidade construída a partir dos costumes de seus antepassados que julgavam importante conservar especificidades da “cultura mãe”. Conjunto cultural esse herdado dos seus antepassados e, até então, desenvolvido nas relações escravocratas do sistema de produção brasileiro em que se vislumbravam novas possibilidades. Do mesmo modo que a comunidade se estabeleceu, devido à mudança das relações sociais de produção, se conformou e se moldou conforme as transformações que o desenvolvimento social lhe trouxe ao longo do século XX que se despontava, persistindo na sua existência (e resistência) diante dos processos altamente modernizantes do século XXI.

Contagem compõe a metrópole de Belo Horizonte em condição muito especial: há décadas, tornaram-se conurbação as cidades de Belo Horizonte e Betim. Se de um lado sofre a influência da centralidade administrativa e de serviços, por outro lado, recebe forte influência industrial – sem deixar de se considerar seu alto grau de desenvolvimento industrial e de serviços, como afirma Santos 2016, p. 36.

O fenômeno da conturbação dá-se pelo encontro dos sítios urbanos, ou seja, pela coalescência das cidades devido à proximidade e as interações que se estabelecem às cidades, formando assim uma mancha urbana contínua pertencente as duas ou mais unidades político-administrativos.

Assim, testemunhamos, em tempos atuais, o forte crescimento da cidade. Todo esse contexto se impõe aos diversos tipos de relações estabelecidas na/com a cidade. Logo, foram e são necessárias mudanças para atender às necessidades das novas relações que se desenvolveram na contínua transformação pela qual passou vida urbana. Essas transformações mudam o cotidiano de todas as pessoas. A

abertura de novas ruas, o aumento do fluxo de veículos de variados tamanhos e a construção de novas moradias, sobretudo prédios, mudam a paisagem. Para pessoas de uma comunidade tradicional, não é tão simples encarar tantas mudanças; assim, os arturos se viram obrigados a se adaptar nestes espaços considerados sagrados. De acordo com Santos (1996, p.141),

A celeridade das mudanças deve-se, substancialmente, à multiplicidade de vetores que o percorrem, à rapidez de sua substituição, à novidade das forças que portam e a sua Incidência sobre os objetos.

Contudo, apesar de transformada, não podemos deixar de reconhecer que os aspectos culturais, de organização social, a identidade e a relação com o lugar conferem atributos de comunidade aos Arturos. Seus indivíduos possuem um modo de relacionarem com o espaço e de produção desse espaço que os diferem não apenas da vizinhança, mas em relação à sociedade como um todo.

A intensa urbanização e o crescimento demográfico levaram os Arturos a uma nova realidade a cada ano que saem às ruas com as manifestações culturais, conforme demonstram as fotos que se seguem. Há tempos as festividades dos Arturos deixaram de existir apenas para a comunidade. Os espaços de representação estão limitados tanto na sua porção territorial quanto no tempo. Mas se por um lado há limites, por outro suas manifestações culturais têm a possibilidade de outro alcance, tanto quanto lhe permitem as redes espaciais e digitais.

Nas fotos a seguir, (Foto 5 e Foto 6) podemos observar uma manifestação de rua dos Arturos: trata-se da festa do dia 13 do mês de maio de 2014, da Abolição da Escravatura no Brasil. Os integrantes dos Arturos saem nas ruas de congadeiros, com reis, rainhas, fantasiados de escravos, tambores e boi, com toda movimentação de veículos e pedestres. A festa é realizada no sábado mais próximo do dia 13 de maio e as ruas não são liberadas somente para eles. Há o auxílio de um guarda de trânsito para facilitar as realizações em cada parada do ritual. O comércio local funciona normalmente e as pessoas param para observar, tendo assim um dia diferente aos sons de tambores, cânticos e muita alegria.

Com isso há uma necessidade de novas formas de apropriação do espaço, mesmo que seja de forma um tanto abstrata e por pouco tempo, colorindo as ruas por onde passam com suas vestes, preenchendo calçadas com as crianças e os seus tambores e os sons de cantos e apitos dos mestres e capitães. Mesmo com essas dificuldades, a comunidade resiste a mais de 100 (cem) anos. Segundo o autor Canclini, (2006, p.301)

No movimento da cidade, os interesses mercantis cruzam-se com os históricos, estéticos e comunicacionais. As lutas semânticas para neutralizar, perturbar a mensagem dos outros ou mudar seu significado, e subordinar os demais à própria lógica, são encenações dos conflitos entre as forças sociais: entre o mercado, a história, o Estado, a publicidade e a luta popular para sobreviver.

Foto 5 - Celebrações dos arturos nas ruas de Contagem em maio de 2014



Fonte: VIEGAS, 2014, p. 388.¹⁶

Nos anos iniciais de 1970, uma igrejinha construída pelos escravos foi demolida no período em que Newton Cardoso era prefeito, e isso se deu por ser necessária a obra para abertura de ruas que se ligassem os bairros Europa, Olinda, Maracanã, Parque Maracanã e Jardim Vera Cruz ao Centro de Contagem, conforme

demonstrado no Cartograma 3. Outra igreja foi construída em localidade distante da original.

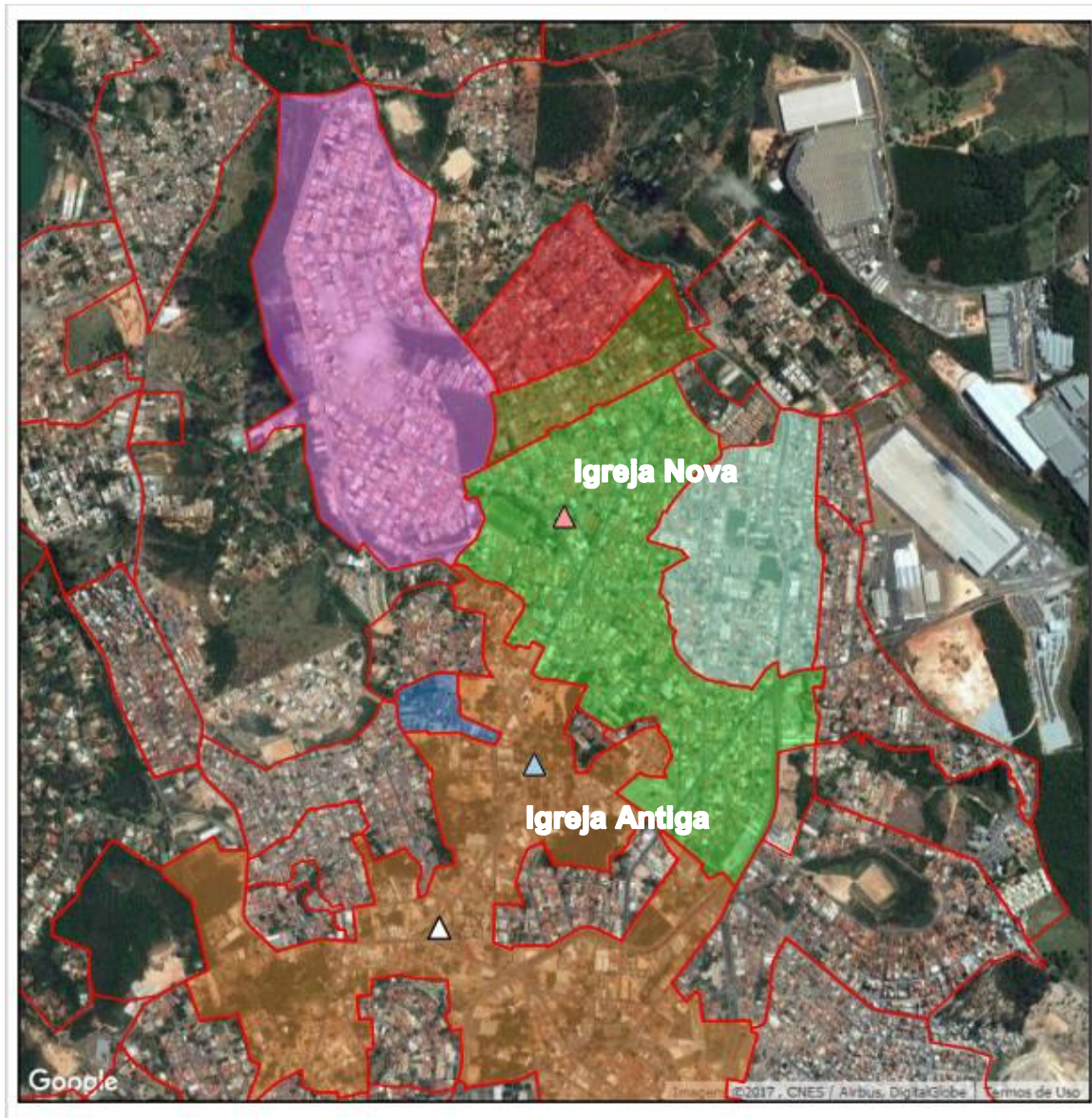
O Cartograma 3 está apresentando o local da antiga igreja que foi construída pelas pessoas do regime escravocrata, que ficava no Centro, bem próxima da Igreja Matriz de São Gonçalo, e que atualmente está localizada no Bairro Alvorada a aproximadamente 3 km (três quilômetros) do antigo local. Em todas as festas, o cortejo do Congado passa pelo local da antiga igreja porque tem uma placa com a foto da mesma como homenagem ao ponto histórico-afetivo para os Arturos.

A Administração Pública, à época, não se interessou em saber a relevância que a igreja tinha para os Arturos, e ainda hoje as pessoas com mais idade na comunidade, como por exemplo, os dois filhos do Senhor Artur Camilo Silvério, lembram-se com tristeza do evento e, por muito tempo, não conseguiam ver a nova igreja como algo que os pertencessem. Nas palavras de Juliano¹⁷, neto do Senhor Artur,

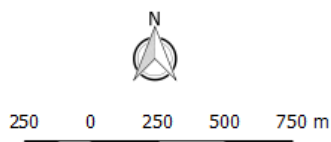
Na época, foi muito triste. Eu era estudante, estudava no grupo Sabino Barroso. Eu estava vindo da aula e a gente debateu com a patrol puxando a torre, jogando no chão. Foi terrível, derrubando a igreja. Nossa, foi muita gente chorando, foi muito pânico. A gente era menino e ficava “tristonho” de ver aquilo. Por que “tá” fazendo essa covardia? Eles falando não podia fazer isso com a gente, eu era menino e escutava eles falando. A gente fazia toda festa era lá foi muito triste, escutava eles falando que estava recebendo ordem. Foi a primeira igreja construída e aí o que você pensar de triste tem nisso aí.

17 - Juliano, neto do Senhor Arthur, em entrevista à autora no dia 07/05/2017, na cidade de Contagem/MG.

Cartograma 3 – Localização da antiga e nova Igreja Nossa Senhora do Rosário em Contagem/MG.



**HISTÓRICO DE LOCALIZAÇÃO DA
IGREJA NOSSA SENHORA DO
ROSÁRIO EM CONTAGEM - MG**



Legenda

- △ Antiga Igreja - Praça da Caixa D'água
 - △ Igreja Nova - Nossa Senhora do Rosario
 - △ Igreja São Gonçalo
 - Limites dos Bairros
- Bairros
- Alvorada
 - Europa
 - Jardim Vera Cruz
 - Olinda
 - Parque Maracanã
 - Centro
 - São Gonçalo Segunda Seção

FONTE DOS ARQUIVOS VETORIAIS: PREFEITURA
MUNICIPAL DE CONTAGEM
FONTE DAS IMAGENS DE SATÉLITES: OPEN
LAYERS PLUGIN (GOOGLE)
DATA DE CRIAÇÃO: 16/08/2017
AUTOR: JAILSON J. FARIAS
SOFTWARE: QUANTUM GIS
VERSÃO DO SOFTWARE: 2.14
DATUM: SIRGAS 2000
SISTEMA DE COORDENADAS: GEOGRAFICAS

Fonte: Acervo da Autora, 2017.

Para cada integrante da comunidade, principalmente da época da igreja construída pelos escravos, estar dentro daquela pequena capela era como estar pertinho de algum ente querido que já faleceu ou alguém que se perdera por causa do regime de escravidão. Então, o sentimento de pertencimento ao pequeno espaço no interior da capela e até mesmo ao seu entorno era muito maior. Nas fotos abaixo, há a antiga e a primeira igreja, como está o espaço e a homenagem com uma placada antiga igreja.

Podemos observar, nas fotos 7 e 8, a tentativa em se construir uma igreja idêntica. Atualmente, o espaço no entorno da igreja nova, no Bairro Alvorada, foto 9, é maior com espaço dentro das cercas da igreja e as ruas no entorno da mesma e estes são muito usado pelos Arturos.

Foto 6 – Antiga Igreja, à época da demolição (1973).



Fonte: VIEGAS, 2014, p. 335.¹⁸

¹⁸ Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/IGCC-9QJSHR/tese_maria_ivanice.pdf?sequence=1>.

Foto 7 – Igreja Nova.



Fonte: Acervo da Autora, 2017.

Na Foto 9 o espaço dentro da cerca da igreja nova e no entorno com as ruas é maior e o trânsito mais tranquilo porque não tem o fluxo de veículos na ligação para outros bairros, como se tem nas ruas da praça onde havia a antiga igreja.

Foto 8 – Igreja Nova



Fonte: Acervo da Autora, 2017.

Na Foto 10 temos o local da antiga igreja, no qual hoje se tem uma praça, com duas ruas amplas, construções dos dois lados e uma placa, conforme Foto 11, em

homenagem à antiga igreja dos Arturos, construída pelas pessoas do regime escravocrata. Nas grandes festas de maio e outubro, os Arturos passam nessas ruas e fazem uma pequena parada por causa do simbolismo afetivo que tem o lugar.

Foto 9 – Local onde havia a antiga Igreja.



Fonte: Acervo da Autora, 2017.

Foto 10 – Placa de homenagem à antiga Igreja.



Fonte: Acervo da Autora, 2017.

Os depoimentos das pessoas que viveram naquele lugar dão conta da íntima relação construída com os espaços de memória e afetividade. Essa nova igreja, por mais que tenha sido construída pelos Arturos em mutirão organizado por eles, conforme relato do Senhor José Bonifácio, com os cuidados de atender às necessidades das manifestações, tornou-se um novo espaço a ser explorado. Contudo, se fez necessário um decurso de tempo para que se adaptassem e, de certa forma, transferissem os sentimentos que tiveram com a anterior – ressaltando que, de toda forma, a antiga capela estará sempre em suas memórias, segundo o que relatam. Conforme Lefebvre (2006, p.72) afirma:

Daí a extrema dificuldade dessa reconstrução: os símbolos, que se sente e presente, escapam como tais ao nosso saber abstrato, sem corpo, sem temporalidade, sofisticado, eficaz, mas “irreal” em relações a certas “realidades”.

O estranhamento da nova construção revela-se nos relatos da comunidade. Não menos traumática foi a construção de uma nova relação com o templo imposto, sem a afetividade, já que as memórias estavam ligadas à antiga construção. Esse tipo

de imposição revela o quanto o Estado está distante das necessidades e anseios da comunidade. E, nesse sentido, à comunidade não restou outro comportamento que não se adaptar. Trazemos, assim sendo, uma questão: para alguns, a *tradicionalidade*, para ser reconhecida como tal, não deveria sofrer transformações, mas, como exigir a não mudança da comunidade, de costumes intactos, diante da cavalgante transformação social e da imposição de elementos estranhos à cultura de uma comunidade?

Uma comunidade centenária, que começou em ruas de formação espontânea, estreitas, de chão batido, e hoje sobrevive com suas tradições em ruas muito movimentadas, com fluxo intenso de veículos, e com os espaços simbólicos e sagrados cada vez mais reduzidos, só tem significado continuar existindo se for como povo (povo tradicional). Por isso encarar os desafios dentro da cidade, na busca de se manter e também se adaptar às novas realidades, é uma prova clara do que estamos estabelecendo como (re)existência: no sentido de existir pela resistência aos processos desestruturantes impostos pelo amplo modo de produção que se estabeleceu na sociedade contemporânea. Ainda citando Lefebvre (2006), é nas resistências, na existência de antigos modos de produção, que se encontra o que é residual, que para o autor, é nada mais que a essência de outras formas de produção do espaço latente como alternativa ao que é hegemônico no tempo observado. Assim, o modo de produção capitalista não exclui os mais diversos *resíduos* existentes em seu seio: impõe-lhes a transformação, a readequação e os incorpora como metamorfose vantajosa. Desse modo, como em outros povos tradicionais, o princípio da resistência/existência dos Arturos é conveniente às várias faces do desenvolvimento social.

Para cada integrante da comunidade, principalmente os adultos, ter que lutar sempre para manter os espaços que foram frequentados, ou mesmo construídos pelos seus ancestrais, é um esforço que traz significado à comunidade. Mas é um esforço com significado histórico-afetivo, já que esses locais são muito importantes para a preservação e construção da memória do Povo Arturo, pois dão a eles o sentimento de pertencimento a estes espaços, sendo neles onde as manifestações culturais do seu povo começaram e perduraram e são esses espaços que lhe permitem construir a relação com o lugar (no sentido mais geográfico do termo). Em

tempos contemporâneos, em que o moderno se mistura ao tradicional, é possível uma convivência pacífica de tradição com o moderno, uma vez que a própria modernidade tem meios de emitir informações constantes da relevância da história da cidade e, conseqüentemente, da comunidade.

Estes espaços urbanos usados pelos Arturos na cidade transformada e moderna exigem dos organizadores e diretores da comunidade uma relação de boa convivência com os moradores no entorno e também com o Poder Público de Contagem. Essas relações são necessárias e bem-vindas, contribuindo cada vez mais com a (re)existência dos Arturos.

3 AS RELAÇÕES DA COMUNIDADE DOS ARTUROS COM OS DE FORA

A centenária comunidade dos Arturos tem, relativamente, boas relações com os moradores dos bairros próximos. Essas relações compreendem vínculos de amizades e comprometimento das pessoas de fora com tudo que acontece na comunidade, principalmente nas grandes festas de maio e outubro. Durante os preparativos, já começam a festejar: há muitas conversas relembando histórias e acontecimentos das festas passadas, com risos, e muita alegria. Existem colaboradores que moram em bairros distantes e se hospedam na comunidade durante alguns dias para as preparações, para ficarem mais próximos e terem uma festa prolongada. Ainda que possuam um considerável número de habitantes, seria impossível que somente os Arturos trabalhassem para a realização das festividades, sem a ajuda de pessoas que não residem na comunidade.

Os integrantes da Comunidade dos Arturos trabalham em horários e dias convencionais, como o cidadão convencional, portanto, não têm regalias como ficar fora no turno do trabalho ou mesmo sair mais cedo por causa de tantos afazeres nos preparativos das festas. Assim, é relevante e muito valorizada pelos moradores da comunidade a participação de quem chega para ajudar nas preparações e organização das festas. A comunidade é muito bem vista pelos contagensenses, segundo o presidente da comunidade José Bonifácio (Bengala). É considerável o número de colaboradores (aproximadamente vinte a cada dia) e também de expectadores nas grandes comemorações, sobretudo, como já mencionado, nas dos meses de maio e outubro. Nessas festas, o almoço é servido gratuitamente e para todos, motivo pelo qual recebem verba da Prefeitura.

A cidade de Contagem, bem como a maioria das cidades que compõem a Região Metropolitana de Belo Horizonte - RMBH, vive, intensamente, no contexto dos processos modernos e de modernização, com muitas opções de lazer e outras atividades culturais. As relações de produção, estabelecidas pelo modo capitalista de produção, impõem as normas no cotidiano das pessoas, e desenvolver relações que escapam a esse modo de produzir o espaço é algo difícil, que requer dedicação. A

existência de uma comunidade tradicional com práticas que preservam e resgatam a história de um povo como a dos remanescentes quilombolas, herdeiros de uma “mescla” cultural de vários povos escravizados, nos tempos atuais, é algo extraordinário, que dá mais vida à cidade além de ser algo incomum em outros centros urbanos. Segundo Lefebvre (2011), “a cidade foi um espaço ocupado ao mesmo tempo pelo trabalho produtivo, pelas obras, pelas festas”. Os Arturos têm muito prazer em realizar suas manifestações, sendo tomados de alegria genuína. É como se cumprissem um dever histórico afetivo com seus ancestrais. Segundo, Canclini (2006, p.160),

Precisamos porque o patrimônio cultural se apresenta alheio aos debates sobre a modernidade ele constitui o recurso menos suspeito para garantir a cumplicidade social. Esse conjunto de bens e práticas tradicionais que nos identifiquem como nação ou como povo é apreciado como um dom, algo que recebemos do passado com tal prestígio simbólico que não cabe discuti-lo.

As participações de “pessoas de fora” são recebidas com grande relevância até mesmo como integrantes do Congado. Assim, os seus tambores são confeccionados e guardados na comunidade. Por isso os jovens Arturos, que são atraídos por lazer e entretenimentos fora da comunidade, acabam retornando com mais interesse, por verem os seus lugares ocupados pelos “de fora”, segundo os relatos de José Bonifácio. Dessa forma, as relações são cada vez mais duradouras e bem-vindas. Segundo os relatos de José Bonifácio (Bengala),¹⁹

A gente não discrimina ninguém, desde que “respeita” a tradição e segue. A gente acha até bom porque mostra “pro” nossos jovens, que às vezes não está dando valor e tem gente de fora ocupando o lugar deles e ai a gente fala pra eles e eles: - Opa! O lugar é nosso então eu vou ficar.

19 - José Bonifácio, o Sr. Bengala em entrevista concedida à autora em 7/05/2017, no município de Contagem/MG.

As pessoas com mais idade dentro da comunidade têm muita preocupação em dar continuidade nas suas tradições e, mesmo assim, não proíbem seus jovens, em quaisquer escolhas que fizerem. Segundo o presidente da comunidade, o Senhor José Bonifácio (Bengala)²⁰ “a gente sabe que hoje em dia não podemos levar tudo a ferro e a fogo”. É assim, procurando entender os jovens, que sempre buscam uma forma de inseri-los em todos os preparativos, sempre mostrando o caminho de como preservar suas tradições, suas raízes. Cada jovem que quer entrar na composição do Congado é chamado a participar de reuniões, quando toda a manifestação cultural é mostrada por etapas e com muito cuidado e carinho para que o novo integrante não se sinta intimidado com tanta responsabilidade, e já é informado que a guarda do tambor será na comunidade, não cabendo ao jovem que o leve para sua residência.

Em tempos nos quais as tecnologias, principalmente de entretenimento, são tão avançadas e amplamente divulgadas por meios de comunicação rápida, torna-se um grande desafio manter esses jovens dentro da comunidade, dando continuidade às suas tradições culturais. Mas também é possível usar a tecnologia como algo positivo, e assim os jovens têm o tempo para fotografar, fazer postagens e comentários em redes sociais, logo após as reuniões. Segundo Canclini (2006), “a modernidade diminui o papel do culto e do popular tradicional no conjunto do mercado simbólico, mas não o suprime”. Os jovens pedem permissão acerca do que podem ou não postar nas redes sociais e são orientados pelos mais velhos. Nos relatos do Senhor José Bonifácio (Bengala)²¹

Eles ficam o tempo todo com isso na mão, mas eles sabem que nos dias das nossas tradições, não é hora de celular e sabe, hoje não tem celular. Tem um tempo que a gente tem ficar esperando alguma coisa, aí a gente deixa. E depois que termina também pode tirar fotos e eles perguntam o quê que pode colocar nos grupos, porque tem coisas que não é certo deixar.

20 - José Bonifácio, o Sr. Bengala em entrevista concedida à autora em 1º/06/2017, no município de Contagem/MG..

21 - Ibidem.

Durante as reuniões são mostrados, principalmente aos jovens e crianças, e comentados, os trabalhos acadêmicos e científicos que são realizados dentro e/ou sobre a Comunidade dos Arturos, como uma forma de reforçar o quanto eles são importantes como povo tradicional, tanto para a história dos arturos como para a cidade de Contagem/MG. Sendo assim, os jovens ficam mais à vontade e não se sentem reprimidos como relata José Bonifácio (Bengala)²²

O mundo hoje oferece muitas coisas e muitas coisas chegaram à comunidade, e a gente não pode deixar de pegar essas coisas “pra” comunidade. Mas num ponto é muito bom, porque avançou muito a maneira de viver, avançou os estudos e muitas coisas.

O Poder Público colabora com a comunidade nas festas de maio e outubro, colocando guardas municipais no começo e no final do cortejo do Congado, parando o trânsito quando saem pelas ruas de Contagem e, dentro da comunidade, colocam banheiros químicos e água potável disponível para beber, como mostram as fotos 12 abaixo. Dessa forma, há o envolvimento maior de todos.

Foto 11 – Festa do Congado da Abolição.



Fonte: Acervo da Autora, 2017.

Quando começam os preparativos das festas, os Arturos fazem um comunicado à Prefeitura informando as datas em que acontecerão os dias festivos, e são muito bem recebidos porque já são muito conhecidos e valorizados devido às suas culturas tradicionais. Assim, movimentos de pessoas, de cores e sons transformam a paisagem das ruas da cidade, celebrando e relembrando fatos do passado de nossa história. Como afirma Santos (1996 p. 70),

(...) é a sociedade, isto é, o homem, que anima as formas espaciais, atribuindo-lhes um conteúdo, uma vida. Só a vida é passível desse processo infinito que vai do passado ao futuro, só ela tem o poder de transformar tudo amplamente.

A convivência dos Arturos se dá de modo relativamente pacífico, enriquecendo o conjunto de experiências da comunidade. As crianças e jovens da comunidade estudam em escolas públicas nos bairros próximos. Há relatos de alunos, ex-alunos e professores que essas escolas sempre incluem alguns trabalhos enfatizando os Arturos. Afinal, eles são exemplo de povo tradicional que conserva práticas de antigas relações sociais de produção. Trata-se de um grupo que detém conhecimentos e um saber-fazer de grande reconhecimento histórico-cultural, como a preparação de um biscoito que mantém a receita e a preparação secular, nos tempos atuais. Guardam relíquias fabricadas pelas pessoas que foram escravizadas, como por exemplo, dois tambores (um deles demonstrado na Foto 13) que são conservados e possuem grande valor simbólico. Na foto 14, mostra uma senhora filha do senhor Arthur e já falecida em 2014 usando forno de barro, e este ainda é usado nos tempos atuais com os mesmos rituais, segundo relatos como por exemplo, antes de ser usado deve ser limpo com vassoura de alecrim, e por mais difícil que seja de encontrar o alecrim, tem uma pessoa que é encarregado da tarefa.

Foto 12 – Tambor, relíquia conservada.



Fonte: Acervo da Autora, 2017

Foto 13 – Foto tirada de um retrato que há na Capela, dentro da comunidade, que revela a filha mais velha do Senhor Artur, Conceição Natalícia (Tetane).



Fonte: Acervo da Autora, 2017.

As escolas do entorno realizam ao longo do ano algumas visitas à comunidade. Aos jovens da comunidade é atribuída a tarefa de receber os estudantes e mostrá-los todo o simbolismo, afeto e religiosidade que tem naquele pequeno lugar. Esses jovens são escolhidos e instruídos pelos mais velhos, a quem recorrem sempre que há dúvidas. Essa é mais uma forma de ser ressaltada aos jovens a importância da comunidade e a indispensável necessidade de sempre se preservar suas raízes para as gerações futuras. É também um modo, interessante, de se proporcionar a interação dos jovens com “os mais velhos”, colocando aqueles em contato permanente com suas histórias, reforçando assim a identidade desses jovens arturianos.

No Congado, há uma cumplicidade muito forte. Cada grupo de Congado ajuda o outro a fazer sua festa. Assim, eles têm muitos cumprimentos de visitas ao longo do ano, porque chegam a participar de algo em torno de 12 (doze) a 18 (dezoito) Congados nas festas da Comunidade. Além dessas festas, os Arturos ainda participam de outras festas, como oficina em outras comunidades quilombolas, em eventos de Contagem, como a Marcha de Enfrentamento e Combate ao Racismo e Intolerância Religiosa. As manifestações culturais dos Arturos são tão bem preservadas que já ganharam o mundo através de um documentário da diretora

Thereza Jessouroum que foi exibido em alguns países da Europa, como França e Inglaterra. Assim, a Comunidade chama mais atenção para outras culturas folclóricas, como a do Boi Rosado que foi inspirado no Bumba Meu Boi e tem esse nome em homenagem ao Centenário do Guimarães Rosa que aconteceu em 2008 segundo os relatos do presidente do grupo Severino. A Comunidade mantém uma boa relação aceitando convites de encontros, participando e fortalecendo os laços de amizade e sua linha cultural. Como relata Severino²³,

A relação com os Arturos é muito simples. Os Arturos “é” uma comunidade de luta de resistência, de defesa daquilo de mais precioso na nossa cultura e o boi rosado tem eles em comum essa luta também por um mundo mais sustentável, onde se respeita as diferenças, as diversidades culturais do país. Então assim como eles têm uma luta pela existência, e tem uma resistência cultural muito forte, nosso Boi Rosado também está meio embarcando, então nós temos um elo muito comum de luta em defesa da cultura, da dignidade humana.

A Comunidade dos Arturos construiu e constrói uma relação com a sociedade para garantir sua existência, seu lugar e reconhecimento. É naquele espaço, ainda que pequeno fisicamente, que seus integrantes, mesmo os que estão morando fora, sentem que estão cada vez mais próximos de suas raízes e dos outros integrantes. Nesse lugar, se juntam para reuniões importantes, para rever todos, perguntar de alguém que por algum motivo não esteja por perto. Na Comunidade são guardadas relíquias, objetos sacralizados pela história, pela memória afetiva, que foram fabricados e usados por seus antepassados, e isso aumenta os laços afetivos com o lugar e com tudo que há nele. Assim, esses elementos representam o simbolismo característico do lugar. Neste contexto, Carlos afirma (2007, p. 17),

O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a cidade *latu sensu* a menos que seja a pequena vila ou cidade – *vivida/conhecida/reconhecida* em todos os cantos.

23 - Severino, em entrevista à autora em 13/05/17, na cidade de Contagem/MG.

E nesse sentido que contam histórias do passado, para construir e viver o presente. No mundo moderno aparecem coisas novas o tempo todo e tudo se perde muito rápido, e numa comunidade todos se sentem mais próximos das suas raízes e entendem cada vez mais a necessidade de resistirem e de inserirem o que pode ser inserido do mundo lá fora nas suas vidas, nas suas tradições, sem que se percam suas essências. Segundo, Santos (1996, p. 83),

Quando a sociedade, a cada movimento, é cindida, o símbolo se destaca, se solta, do movimento geral e continua o mesmo que era no momento anterior. O presente une as coisas, mas o momento seguinte as separa, o que permite distingui-las. Cada símbolo guarda a mesma identidade, não importa qual seja o contexto, mesmo numa situação de movimento e mudança. Em outras palavras, o movimento da sociedade, isto é, o movimento da totalidade (e do espaço) modifica a significação constitutiva, também a dos símbolos, porque este não segue o movimento.

Portanto, a Comunidade tenta se adequar aos novos tempos, porque naquele espaço, com tantas experiências e histórias vividas, é também onde se cria e recria seu modo de vida, mesmo com o movimento intenso da sociedade. Manter as relações com os de fora, com outras culturas e com os que os rodeiam aumenta o potencial de cultura resistente e fortalecida para encarar o racismo, a incompreensão religiosa e as diversidades da modernidade, e assim perdurar sua existência para as gerações futuras. Segundo relatos de Valdilene (congadeira)²⁴,

No trabalho, na escola muita gente pergunta:

- Você mora numa comunidade? O quê é congado? Isso é o quê? Isso é macumba?

- Não isso não é macumba. É uma dança religiosa que a gente dança louvando Nossa Senhora do Rosário, não tem nada a ver com outras espiritualidades, é religião católica mesmo.

E eu chamo pra vim cá ver e as pessoas falam que realmente não tem nada a ver com o que eles falam.

²⁴ Valdilene, “congadeira”, em entrevista à autora em 23/07/17, na cidade de Contagem/MG.

Percebe-se, no relato da Sra. Valdilene, que são muitas as modalidades de noções pré-concebidas contra a cultura afrodescendente.

“O racismo, o preconceito e a discriminação, entre outras formas de opressão, se fazem presentes no país inteiro, independentemente de região, estado ou cidade, provenientes da reprodução de crenças e valores que ainda se encontram enraizados no seio da sociedade brasileira”

(...)

O racismo no Brasil acontece, quase sempre, de forma velada, sutil ou camuflada. Aqui, quase, ninguém se assume como racista e/ou preconceituoso, comportamento que Roger Bastide (1955) denominou de “o preconceito de ter preconceito”, o que dificulta ainda mais o seu enfrentamento (ARAÚJO, 2013, p. 3 e 4).

O novo que a sociedade oferece se propõe a separar os símbolos da Comunidade, mas os membros dos Arturos consideram que suas raízes afetivas sempre serão algo forte para unir tudo de novo, mesmo que por pouco tempo, mas com qualidade de aproveitamento, fortalecendo, assim, as suas manifestações culturais de povo tradicional. Com todas as experiências acumuladas e vividas pelos Arturos ao longo dos anos, torna-se natural que haja alguns conflitos com as relações construídas, uma vez que o modo de produção hegemônico tem seus próprios meios de construir os questionamentos sobre aquilo que o contesta. Os diretores mantêm sempre o diálogo e costumam usar sabedoria e parcimônia para resolver e dirimir diversos conflitos, porque sabem da importância da continuidade de suas manifestações culturais e religiosas.

4 A COMUNIDADE E OS CONFLITOS DA MODERNIDADE

Os integrantes e os moradores da Comunidade dos Arturos viveram ou já ouviram muitas histórias de quando a comunidade não tinha vizinhos próximos, quando eram, de certa maneira, “isolados” espacialmente. A localização da propriedade dos Arturos, no passado, era um sítio, chamado Domingos Pereira. Dos tempos do regime escravocrata para os tempos atuais, muitas mudanças aconteceram, dentro e no entorno da comunidade. Para Lefebvre (2001, p.85), “a realidade urbana, no próprio âmago de sua deslocação, persiste e se densifica nos centros de decisão e de informação”. Quando o Senhor Camilo Silvério comprou o sítio, a propriedade era pouco delimitada, com fronteiras abertas, porque o que a contornava eram também sítios parceiros, em outro patamar das relações de produção. Com o passar dos anos, chegaram mais e mais vizinhos e então veio a necessidade de se cercar a propriedade, como é ainda atualmente, com cerca de arame farpado. A Comunidade dos Arturos pertence ao bairro Jardim Vera Cruz, que foi o primeiro a se definir, há aproximadamente 55 anos, e tem outros dois bairros nas fronteiras, o Bairro Europa e Vila Militar. Para Fernandes (2009, p. 3), “relações e classes sociais produzem diferentes territórios e espaços que as reproduzem em permanente conflitualidade”.

Um dos maiores conflitos e que serve de gatilho a tantos outros, são essas fronteiras “abertas”. São, ao total, 5 (cinco) aberturas em todo limite da Comunidade. Devido a esse fato, tem muitas pessoas que se envolvem com tudo dentro da Comunidade, acrescentando aspectos positivos e outras pessoas que não valorizam, que não têm conhecimento de quem são os Arturos, espalhando boatos como “não é bom o título definitivo de comunidade quilombola e nem o de patrimônio imaterial”, segundo os relatos de José Bonifácio (Bengala)²⁵. Assim, torna-se mais árduo para

25 - Ibidem.

os dirigentes qualquer processo documental, já que se faz necessária a assinatura de cada integrante para legalizar os documentos e é preciso que todos tenham consciência dos fatos. Por mais que os dirigentes expliquem a importância de se ter os documentos definitivos de Comunidade Quilombola e os benefícios que atingirão a todos, alguns integrantes não entendem, exatamente por causa dos boatos que vêm de fora da comunidade. Ainda assim os dirigentes lutam para manter a comunidade, com muita dedicação e várias conversas para conseguirem preservar seus espaços. Segundo Canclini, (2006, p. XXIX),

As fronteiras rígidas estabelecidas pelos estados modernos se tornaram porosas. Poucas culturas podem ser agora descritas como unidades estáveis, com limites precisos baseados na ocupação de um território delimitado.

Manter a harmonia com vizinhos que possuem hábitos, costumes e uma cultura variada é um grande desafio para os Arturos. Essa busca funciona como mais uma estratégia de resistência, na medida em que as lideranças e os demais envolvidos com o Arturos, o tempo todo, objetivam estabelecer as relações com aqueles que se avizinham espacialmente e com aqueles que questionam a necessidade da existência do Território Arturo. O fato de se encontrar em uma área RMBH já é motivo para grande pressão no que se refere ao preço da terra. O contínuo adensamento pelo qual passam os espaços urbanos da RMBH aumenta de sobremaneira a pressão que já existe. Porém, de acordo com os argumentos daquele grupo que historicamente teve origem naquele território, isso é necessário porque é naquele espaço que foram e são construídas suas histórias.

Como ação mais extrema, existe um projeto e o desejo de alguns integrantes de construir muros e colocar serviços de portaria, de modo a se sentirem mais seguros e livres de vândalos, usuários de drogas que vêm do entorno, motos barulhentas e carros com som alto, que atrapalham reuniões e orações que acontecem na capela dentro da Comunidade. Mas isso não é possível porque as pessoas com mais idade, principalmente os filhos do Senhor Artur (o Senhor Mário de 84 anos e o Senhor Antônio de 86 anos), não aceitam fechar a comunidade, por acreditarem que todos deveriam respeitar a comunidade, como era no tempo dos seus pais e por

considerarem aquela terra como sagrada. Conforme relatou Senhor José Bonifácio (Bengala)²⁶,

Por um lado, seria bom que a comunidade ficasse mais segura, mas por um outro lado a gente fica pensando em limitar porque a comunidade sempre foi aberta para todo mundo. A partir do momento que põe uma portaria, já não é. O pessoal nosso mais antigo não aceita muito bem isso não. Eles gostam de ser livre e deixar a comunidade livre para todo mundo. Por exemplo, se lá tivesse uma portaria, eu estava aqui te aguardando e tinha que ligar “pra” te liberar pra você entrar. Por isso enquanto nossos esteios forem vivos, vai ficando. Tem esse projeto sim, que a gente quer limitar, porque da maneira que está acontecendo hoje, infelizmente a gente pensa nisso aí. Mas os mais velhos “pensa” que como nós temos respeito por eles, todos de fora também tem que ter e infelizmente não é assim.

Os problemas na comunidade cresceram conforme o passar do tempo, devido à modernização das relações na produção do espaço à sua volta, com informações que não favorecem principalmente os mais velhos, porque viveram em tempos quando os valores eram bem diferentes dos atuais. Estes senhores acreditam que a comunidade deve ser aberta para todos, como sempre foi no tempo dos seus pais, e então questionam a possibilidade de construção de muros em sendo todos bem-vindos. Não aceitam as mudanças exigidas pelos tempos modernos porque os seus antepassados eram cativos, e muros os lembrariam uma prisão. Em respeito a eles, a direção não executará o projeto. Neste contexto, Santos (1996, p. 154) afirma,

O território como um todo se torna um dado dessa harmonia forçada entre lugares e agentes nele instalados, em função de uma inteligência maior, situada nos centros motores da informação. A força desses núcleos vem de sua capacidade, maior ou menor, de receber informações de toda natureza, tratá-las, classificando-as, valorizando-as e hierarquizando-as, antes de as redistribuir entre os mesmos pontos, a seu próprio serviço.

Os diretores da comunidade estão sempre atentos em entender e absorver de maneira simples e clara os boatos, mesmo quando estes dificultam o esclarecimento

da necessidade de derrubar muros para atender os padrões de exigência do patrimônio imaterial. Outra situação conflituosa é a questão da evangelização religiosa dentro da comunidade. Nas reuniões, é sempre esclarecido que todos são livres para pertencer a qualquer religião, mas existem limites, como por exemplo, não é permitida a construção de um templo do protestantismo dentro da comunidade. O espaço dentro da comunidade é cada vez menor devido ao crescimento dos familiares Arturos. Além disso, os mais velhos têm costumes de criar vacas e bois, porcos e galinhas, mesmo com cobranças da vigilância sanitária, e também cavalos que são usados para trabalhar e para cavalgadas. Nas condições atuais de espaço, esses animais são criados em confinamentos.

Segundo os relatos de José Bonifácio (Bengala), a falta de espaço e a expansão imobiliária no entorno da comunidade atualmente atrapalham também o ritual agrário João do Mato, que é uma brincadeira em que uma erva daninha, representada por uma pessoa toda coberta de ramos, como mostra a Foto 15, ameaça encher as plantações de pragas se não cuidarem da roça. Não tem como plantar alimentos devido à construção da rede de esgoto nos limites do espaço que sempre foi destinado aos cultivos de milho e feijão, e essa, por sua vez, contribuiu para a extinção de uma das nascentes com maior fluxo d'água e que era usada para irrigação.

As fotos a seguir são do ritual agrário do João Mato, quando os trabalhadores se reúnem em mutirão para limpar as roças, porque se não a erva daninha, que é o João do Mato, vai estragar as plantações. Cada trabalhador exhibe suas ferramentas e a disposição para realizar o trabalho bem feito com muita atenção porque o João do Mato gosta da roça bem cuidada. Esse ritual aconteceu no mês de dezembro de 2014 dentro da comunidade num pequeno fragmento de mata nativa.

Foto 14 - Ritual do João do Mato



Fonte: VIEGAS, 2014, p.294.²⁷

Mas ainda assim, o ritual é realizado simbolicamente com a limpeza numa pequena reserva de mata nativa, que só é preservada devido à lenda criada pelos mais velhos. Segundo relatos de Maria Goreth Herédia²⁸, a estória é de uma cobra que vive a muitos anos no local e não quer que o espaço seja usado, porque se for incomodada, fica gigante nas noites de lua cheia. Não deixar de realizar o ritual do João do Mato utilizando área de mata nativa é uma forma criativa e também de maior apropriação do espaço.

Devido às fronteiras abertas da Comunidade dos Arturos, e o título de patrimônio imaterial, existe algo antagônico. Por um lado, é necessário construir muro e, por outro, é necessário derrubarem muros. Uma das consequências da falta de segurança por falta de limites nas fronteiras é a possibilidade de deixar de realizarem a tradicional festa junina que é aberta ao público. A diretoria entende que a festa faz parte de suas tradições, e nesse sentido é preciso realizar, porém é necessária a

27 - Disponível em: < http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/IGCC-9QJSHR/tese_maria_ivanice.pdf?sequence=1 >.

28 - Maria Goreth Herédia - Rainha da Estrela Guia e esposa de Raimundo Eustáquio, que é neto do Senhor Arthur, em entrevista à autora em 18/06/2016 na cidade de Contagem/BH.

participação mais efetiva do Estado com a presença de policiais militares até o término da festa, e atualmente a permanência destes tem pouca duração. Sendo assim, os diretores estudam a possibilidade de realizarem a festa somente para os moradores da comunidade. Nas palavras de José Bonifácio (Bengala)²⁹,

Hoje em dia, a segurança está muita precária e a vagabundagem demais. Às vezes a gente quer fazer uma coisa beleza e a gente não aceita certos tipos de coisas aqui dentro da comunidade. A gente gosta daqui assim: sendo amigo de um é amigo de todos, então a gente gosta da festa com harmonia, igual é a festa do reinado e as outras de casamento. A gente gosta de fazer com maior tranquilidade e, hoje, não tem mais essa tranquilidade de fazer uma festa pública. A festa junina agente faz com convite e tudo. A nossa festa junina já tem gente que interage com a gente, como as outras comunidades que “frequenta” a comunidade e a própria população [*do entorno*]. A festa junina é aberta “pra” todo mundo, a gente não sabe quem vem e não sabe quem vai e a festa junina tem um problema mais sério porque ali rola um quentão, rola uma canjica, daí a pouco vai se aprofundando. As outras festas têm hora de parar, 10 (dez) horas, 11 (onze) horas e a festa junina essa é a hora que está começando e aí vem chegando a madrugada e a gente vai ficando preocupado porque tem gente alcoolizada, e até drogada e, às vezes, o sujeito usou até dentro da comunidade da gente e a gente não pode falar nada.

A relação dos Arturos com os problemas modernos faz parte do seu cotidiano. Houve um tempo em que o preconceito era mais intenso que nos dias atuais. Os relatos dos moradores, principalmente dos mais velhos, são com muita tristeza. Mas a religiosidade e o sentimento de pertencimento àquele lugar por causa das suas raízes e das tradições os mantêm unidos e fortalecidos. Os conflitos são sempre abordados nas reuniões, por mais delicada que seja a questão. Sendo assim, todos ficam bem informados e dão sugestão para resolver ou até mesmo informam se irão se abdicar de intervir. A territorialidade dos Arturos é mantida com os hábitos e costumes dos seus ancestrais. Sendo assim, o território é demarcado de sentimentos pelo local histórico e pertencimento ao mesmo, carregado de afetos que devido aos conflitos produzidos pela modernidade ficam ainda mais fortes. Heidrich (2009, p.273) afirma que

29 - Ibidem.

As territorialidades conflitantes, porém, podem referir-se ao mesmo objeto, ao uso ou a expectativa de uso, não exatamente por áreas delimitadas, mas por espaços representados, vividos e seus usos. Desta forma, não é unicamente certa área em poder de alguém o fator da territorialidade. A relação que a cria nem sempre necessita do sinal da demarcação.

Nesses conflitos vividos ao longo do tempo, dentro e fora da comunidade os Arturos intensificam suas relações com o território ao seu entorno, construindo assim o território imaterial. Para Fernandes (2009), o território imaterial está relacionado com o controle, o domínio sobre o processo de construção do conhecimento e suas interpretações. Os pontos usados pelos Arturos fora da comunidade são parte desse território imaterial e as manifestações realizadas todos os anos nestes locais mantêm esse território. Assim a comunidade se adapta com a modernidade, com a certeza que é necessário ter a convivência com os vizinhos no entorno e manter suas tradições de povo tradicional, reforçando os laços afetivos de viver o verdadeiro sentido de comunidade dentro de um centro urbano.

5 O SENTIDO DE VIVER COMO COMUNIDADE NOS TEMPOS ATUAIS

Comunidade é um espaço, mas torna-se dispensável a delimitação territorial para ser considerado comunidade, sendo consideradas as características da coletividade, respeito, tradições e compartilhamento de ideais. Nos tempos atuais, a comunidade tem diversas características, como religião, questões geográficas e elementos sociais e culturais. Para ser considerada uma comunidade, julga-se necessário um grupo de pessoas compartilhando das mesmas ideias, costumes, tradições ou até laços de sangue. Segundo Gomes (2004, p.39),

A comunidade pode manifestar seja na forma irracional, como fruto do hábito ou das relações imediatas ou no poder mágico que consegue dar um sentido à vida, reencontrando de certa forma algo imprescindível ao homem: onde os valores últimos e mais sublimes retornem à vida pública e sejam frutos da fraternidade das relações humanas diretas e pessoais.

Mesmo com tantas variáveis é possível diferenciar algumas comunidades, como a contemporânea em meio à modernidade. A essa comunidade não é preciso a delimitação do espaço devido à tecnologia, em que é possível compartilhar ideais sem sair do conforto de casa. Nessas comunidades modernas, as pessoas não dão muito valor ao contato físico, à intimidade, à presença do outro e nem ao afeto, propagando de certa forma a autossuficiência, mas, ainda assim, em algum momento do cotidiano há a necessidade de se viver em comunidade. Como afirma Mocellim, (2011, p. 107)

A modernidade transformou radicalmente as bases das relações sociais comunitárias. A globalização, com seu deslocamento de tempo e local, acabou com as possibilidades de uma demarcação clara dos limites de uma comunidade, de certa forma, dificultando a localização das relações e sua durabilidade ao longo do tempo.

A modernidade é fator de constantes mudanças na sociedade, sendo assim a produção capitalista favorece o individualismo e a procura por lucros cada vez mais satisfatórios. Com isso, as comunidades se adequam aos novos tempos para continuar existindo como comunidade. Gomes (2004) afirma que “não

necessariamente os laços comunitários devam estar circunscritos a locais específicos, nem que as agregações modernas necessariamente estar submetida à vizinhança”. A modernização modifica continuamente os hábitos e costumes das pessoas, mas fazer parte de alguma comunidade, por mais moderna que seja, pode dar a sensação de que tem um lugar seguro.

A comunidade tradicional caracteriza-se pelas tradições culturais, seja por cultivo familiar, religião e extrativismo. Os valores culturais e afetivos são enraizados e passam para as próximas gerações. O afeto entre os integrantes é forte, e transmite segurança, conforto e sentimento de pertencimento àquele lugar, onde costumes e hábitos são (re)passados para os jovens no dia a dia, como afirma Gomes (2004), “a comunidade seria desta forma, a vida em comum, o íntimo, a única relação durável, onde toda dignidade ou liberdade proviria de uma vontade uniforme e geral”.

Os Arturos podem ser chamados de comunidade tradicional devido ao fato de preservarem suas tradições, a cultura e já estão na quarta geração com valores muito bem preservados, afinal, há de se considerar que estão inseridos num centro urbano, com muitas opções de lazer e entretenimento fácil. A modernidade e o modo de vida hodiernos podem ser tidos como uma ameaça para a comunidade, ainda assim, com muito trabalho e dedicação, os diretores e integrantes mostram no seu cotidiano o valor afetivo e histórico que a comunidade deve possuir para todos, sempre. Os Arturos são herdeiros do sangue dos africanos, que tiveram a trajetória do regime escravocrata como afirma Brandão (2009, p.352)

São herdeiros de povoadores ancestrais reconhecidos, de maneira que os dados de origem da geração fundadora estão estabelecidos como registro (não raro, documentos pessoais ou cartoriais de fundação de lugar ou doação de terras) e cuja linha de sucessão de modo geral pode ser traçada até a presente geração.

A existência de uma comunidade tradicional em meio à modernidade e avanço tecnológico pode não ser bem compreendida como tal, e muitas pessoas perguntam o que é comunidade. “Comunidade é sempre o lugar onde podemos encontrar os semelhantes e com eles compartilhar valores e visões de mundo”, conforme elaborou Mocellim (2011). Os integrantes e moradores dos Arturos pensam no coletivo e se

preocupam uns com os outros, mantendo hábitos e costumes que, fora daquele espaço simbólico, não fazem o menor sentido em meio à modernidade, a não ser como alegoria e espaço de representação, espetáculo. Enquanto para a comunidade os hábitos e costumes têm ligação com a representação do espaço, nos termos de Lefebvre (2006), “os valores criados e vividos dentro de uma comunidade se perdem muito facilmente na sociedade moderna globalizada e individualizada, em que o tempo é o principal transformador de tudo”. Comumente, numa comunidade o referencial são as tradições e valores construídos através dos tempos desde os seus ancestrais e que apesar das transformações e adaptações não se perderam no tempo. Não nos cabe exigir ou esperar que as manifestações sejam imutáveis e livres das relações que a comunidade estabeleceu com o restante da sociedade. Entendemos que ao observar uma comunidade, em tempos atuais, devemos compreendê-la na sua contemporaneidade. Portanto, assim como a sociedade inteira, a Comunidade dos Arturos passou por transformações e, portanto, foram necessárias algumas adaptações devido aos novos processos de produção do espaço. Sobretudo atualmente, diante da forte presença da tecnologia, porque estão inseridos dentro de um espaço urbano que sofreu grandes mudanças ao longo do tempo. Conforme Canclini (2006, p. 29-30),

O patrimônio histórico e as culturas tradicionais revelam suas funções contemporâneas quando, da perspectiva da sociologia política, indaga de que modo um poder duvidoso ou ferido teatraliza e celebra o passado para reafirmar-se no presente.

A Comunidade dos Arturos nasceu de um desejo de manter todos os familiares num mesmo local, uns próximos dos outros, e isso permanece nos tempos atuais. Para Mocellim (2011), “as relações caracterizadas como comunidade têm sua continuidade no tempo”. Os quilombolas são remanescentes de um passado relativamente recente do regime escravocrata, em que as famílias dos negros eram separadas: pais se perdiam de filhos que eram vendidos para outros senhores e não se estabeleciam vínculos, não tinham ciência de onde estariam os familiares ou mesmo conhecimento da existência. Como estratégia de subverter esse sistema, o Senhor Artur se movimentou em busca da união e permanência dos lastros familiares em um lugar onde podiam viver e construir sua cultura a partir do saber-fazer: *savoir-*

faire. “O *savoir-faire* das comunidades tradicionais está estreitamente relacionado à natureza, o que decorre das práticas agrícolas sustentáveis e de baixo impacto ambiental” (ARAÚJO, 2013). Neste sentido, os Arturos têm os seus princípios fundamentados nos valores da família, nos costumes e tradições, construídos em coletividade a partir de um tempo no qual os recursos advindos da natureza, o conhecimento e habilidades somam-se no sentido da construção das estratégias de (re)produção do grupo. As atividades que se desenvolveram no seio dos Arturos passaram a fazer parte de quem são os Arturos até hoje. “A memória e os ‘saberes e fazeres’ constituídos de conhecimentos duradouros são tão importantes quanto a inteligência crítica, a abertura às novidades e ao saber erudito” (CANIELLO e TONNEAU, 2006). Os Arturos dão continuidade sempre lembrando e vivendo os ensinamentos dos mais velhos, que preocupam em manter as tradições culturais, hábitos e costumes estimulando as famílias a se manterem sempre unidas para que esses valores não se percam no tempo. Reconhecem que a própria existência do povo Arturo está atrelada ao seu contexto histórico, às memórias e às tradições. Os integrantes e moradores da comunidade mantêm laços muito fortes entre eles, como na cena em que um adulto se aproxima dos mais velhos e pede a bênção e também conselhos, no fato de as famílias gostarem de ficar juntas conversando longe de televisores ligados de modo a terem conversas duradouras e prazerosas, “isso nas famílias atuais está se perdendo cada vez mais”, segundo os relatos do Senhor José Bonifácio (Bengala)³⁰

“ ‘Nóo, isso ‘pra’ mim é a coisa mais rica que eu tenho. Porque eu ainda tenho o direito de chegar perto dos meus tios e tomar eles bênção. Eu ainda tenho o direito de chegar perto dos meus tios e pedir um conselho. Porque hoje agente vê que está muito limitado esse diálogo e você viver numa comunidade como essa aqui, toda hora você ‘tá’ dialogando com a família, toda hora você está falando com um tio, toda hora você está dialogando com um primo, toda hora você está dialogando com um irmão. Isso é muito importante, é uma ligação que não tem preço. É igual eu estou falando com você. Tem os atritos sim, mas se tropeçar, vem um e me pergunta se eu machuquei o dedo, então eu acho muito legal por isso que é bonito e bom viver em comunidade, porque a importância da vivência nossa é o que faz essa grande harmonia e viver em harmonia é bom demais. Por exemplo: eu saio da minha casa, igual eu falei ‘pra’ você, eu moro fora da comunidade, a

minha família mora fora da comunidade, mas eu moro mais na comunidade. E minha esposa e meus filhos “nem liga” porque sabe onde ‘tô’. Isso é bom demais. Quando eu falo: - Eu ‘tô’ nos Arturos, eles falam: - Vai com Deus, pode ficar até a noite toda. Eu saí de Esmeralda hoje ‘pra vim’ te atender aqui, por causa de quê? Por causa da comunidade, eu não ‘tô’ engrandecendo não, porque se fosse outro, estaria do mesmo jeito por causa da comunidade. Então viver em comunidade é ‘bão’ demais, ‘bão’ demais.

Os dois filhos do Senhor Artur, o Sr. Mário, de 84 anos, e o Sr. Antônio, de 86 anos, são os patriarcas (neste contexto, Chefe de família; aquele que, por ser o mais velho de uma grande família, merece respeito, obediência ou veneração) mais velhos e todos têm muito respeito e cuidado com ambos, gostam de ouvir as histórias que seus pais contavam e “causos” de quando eram crianças. Quando um deles começa a conversar, reúnem-se vários familiares a sua volta porque acham o momento sublime e gostam de registrar em suas memórias. As famílias cultivam amizade, com hábitos bem antigos como o pegar emprestado mantimentos do próximo quando acabam os seus e não podem ir comprar naquele momento, oferecer café coado na hora, informam para todos com muita alegria a gravidez e a chegada de mais um integrante da comunidade e os casamentos são realizados na comunidade com muita festa. Desse modo, todos se sentem cada vez mais próximos uns dos outros, mesmo os que moram fora da comunidade, porque estão sempre presentes nos acontecimentos dentro da comunidade, sentem-se seguros e felizes por estarem num lugar onde foi fundada a comunidade e em que mantêm suas raízes. Segundo Carlos (2007), “o lugar se refere de forma indissociável ao vivido, ao plano do imediato”. É o que pode ser apropriado pelo corpo. A maneira como os Arturos se apropriam do espaço lhe confere o caráter de lugar: quem mora na Comunidade e já passou pela experiência de morar fora dela, em meio à “selva de pedra” construída de cimento com muros altos em que um vizinho nem conhece o outro, diz sentir muita diferença e, portanto, tem preferência por morar nos domínios da comunidade.

Uns dos pilares da comunidade é a religiosidade, a fé em Nossa Senhora do Rosário e a organização e manutenção do congado que movimenta os Arturos durante o ano todo, com os cumprimentos de visitas e as grandes festas realizadas nos meses de maio e outubro. Para Ferretti (1998), “a comparação entre o processo vivenciado pelos quilombos próximos aos grandes centros e o sincretismo religioso, parece-nos sugestivo da sobrevivência cultural que ambos estes fenômenos representam”. São nessas festas que os Arturos se mostram como verdadeira comunidade, quando todos

se mobilizam, se juntam, fazendo a festa até mesmo antes de começar durante os preparativos. Os integrantes e descendentes do Senhor Artur, que moram fora da comunidade, retornam revivendo cada instante nas organizações das festas.

São nesses grandes eventos que praticam sua culinária. Utilizando-se de receitas antigas, cumprem rituais do mesmo jeito que tudo começou, sem mudanças, porque os mais velhos estão sempre por perto e alertas: se virem algo diferente, logo “corrigem”.

Toda essa religiosidade vem dos gritos de socorro dos escravos quando sofriam no regime escravocrata. Diante dos sofrimentos, os escravos rezavam para Nossa Senhora do Rosário, fazendo parte de irmandade e nessas participações pediam proteção contra os senhores donos dos escravos. Para Boschi (1986, *apud* MESQUITA, 2005), “o que importava o negro era encontrar consolo num santo ao qual se transmitissem as lamúrias das pesadas jornadas de trabalho, determinando a proliferação de irmandades de Nossa Senhora do Rosário (...)”.

Sendo assim, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário é um ponto forte de sua identidade cultural, e, para o Povo Arturo, não pode haver mudanças porque é assim que deve ser mostrado para as crianças e jovens que darão continuidade aos rituais e aos demais costumes. São as manifestações culturais, como a encenação teatral do Grupo Arturos Filhos de Zambi que buscam retratar, ainda que de forma distante, como foi a vida dos escravos, que reivindicam que não esqueçamos a tragédia, ao mesmo tempo em que não nos esqueçamos do saber construído naquele contexto. Os Arturos têm o sentimento de pertencimento a tudo que acontece dentro daquele lugar: os hábitos, costumes, práticas religiosas que foram passadas pelo fundador da comunidade. É exatamente o que os identifica como povo tradicional que resiste às mudanças impostas pelos processos desestruturantes da atual sociedade e busca as estratégias para que essa mesma sociedade encontre o caminho para a construção de uma nova maneira de conviver com as diversidades. Canclini (2006, p. 190), afirma que

Ter uma identidade seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou um bairro, uma entidade em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável. Nesses territórios a identidade é posta em cena, celebrada nas festas e dramatizada também nos rituais cotidianos.

A Comunidade Quilombola dos Arturos se identifica com a cidade de Contagem/MG devido ao tempo em que era rota de mercado de escravos no século XIX. Como afirma Viegas (2014, p.25), “os Arturos presentificam, assim, trajetórias que passam pelas chibatas dos senhores e grilhões da metrópole, pelos engenhos e fabricas(...)”. Esse fato histórico deixou rastro na cidade e os Arturos usam alguns desses locais, como o Cruzeiro na Casa da Cultura, ponto para manifestação cultural. Conforme elaboração de Lefebvre (2011), “a cidade de Contagem, por se (des)envolver com os Arturos, possui uma dimensão simbólica; os monumentos, como também os vazios, praças e avenidas, simbolizam o cosmo, o mundo, a sociedade ou simplesmente o Estado”. Portanto, a cidade faz parte da identidade cultural da Comunidade, por ser palco de onde tudo começou, há cem anos. O tempo acumulou mudanças, transformando as paisagens da cidade e da comunidade, sendo esta com poucas famílias e tendo casas que não eram cercadas, e já nos dias atuais, sofre com os problemas oriundos da intensa urbanização ao seu redor e da falta espaço dentro da Comunidade. O ponto central da Comunidade é o verdadeiro sentido de viver como povo tradicional, porque assim foram ensinados no intuito de se manter cada vez mais unido, e a existência da comunidade preservando cada vez mais a sua identidade cultural. Um dos momentos que reforçam o sentido de viverem em comunidade são as festas. Nos momentos dos preparativos, há um grande envolvimento por parte de todos com muita alegria, dedicação e amor – mesmo que em todos os anos se repitam os mesmos rituais.

Nas festas do Congado ou dos casamentos e na grande festa junina, quem mora fora da comunidade retorna, por alguns dias, por causa dos preparativos. A alegria de estar naquele lugar, trabalhando para o coletivo reforça os laços de amizade e compromisso com a comunidade. Nessas festas está o fundamento de tudo: a fé, a religiosidade. E é por causa da religiosidade que a comunidade está sempre pintada e enfeitada, principalmente dentro da capela, que é ponto sagrado onde acontecem todas reuniões ao longo do ano. As cores e os enfeites dão àquele lugar um simbolismo, algo totalmente diferente do que observamos num grande centro urbano.

Nas Fotos 17 e 18 podemos perceber outros grupos de congados de fora da comunidade, na Festa da Abolição da Escravatura no Brasil em maio de 2017. Essa

esta festa é relevante para os Arturos porque é a manutenção do congado, com a presença de outros grupos de congadeiros e pagamento de visitas.

Foto 15 - Congado da Festa da Abolição



Fonte: Acervo da Autora, 2017.

As Fotos 19 e 20 revelam como a comunidade é sempre enfeitada no dia a dia e também no interior da capela. Esses enfeites e existência desses símbolos fazem o lugar ter características muito diferentes de um centro urbano e ter aspecto de comunidade.

Foto 16 - Retrato da religiosidade dentro da Comunidade



Fonte: Acervo da Autora, 2017

As manifestações culturais dos Arturos revelam em parte o que eles são. Entendemos que existe uma dimensão da comunidade que se revela apenas na intimidade do cotidiano. Ainda que algumas representações sejam publicizadas, a partir dos eventos abertos e dos eventos levados aos externos à comunidade, os ritos,

as reverências aos santos, os cânticos e tudo que o ocorre nos “bastidores” de preparação das festas guardam a essência *práxis* artura (LEFEBVRE, 2006). Somente no cotidiano poderemos perceber o volume material e imaterial movimentado pela comunidade no objetivo de se reproduzirem como Arturos. Assim, entendemos que o arcabouço cultural da Comunidade dos Arturos foi estrutural para sua existência desde o início até os tempos atuais. Compreendemos que aquilo que os confere peculiaridade é, na verdade, sua essência, é o cerne da sua existência como grupo social. Contudo, se observarmos para além do visível, perceberemos uma riqueza ainda maior e impossível de ser certificada por avaliadores externos, pois para além do manifesto, existem elementos e comportamentos intangíveis pelos instrumentos de mensuração desse desenvolvimento social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou conhecer e avaliar a atual situação da Comunidade Quilombola dos Arturos, por já haver se passado um século desde a sua fundação, sendo que nesse ínterim, centenário, a cidade de Contagem em Minas Gerais, na qual a Comunidade se insere, se transformou com o processo de urbanização e industrialização. Logo, a Comunidade também sofreu alguma transformação concomitantemente às transformações da cidade.

Constatou-se que os Arturos enfrentam alguns desafios, como por exemplo, o difícil dever de manter os jovens nas manifestações culturais da comunidade, face à influência de entretenimento diversos em seu entorno. Outro fato relevante são as fronteiras abertas e conseqüente falta de segurança, que os tiram o entusiasmo de organizar algumas manifestações culturais, sendo rotineiro o conflito com vândalos e a interferência de som alto.

Observou-se que o avanço da urbanização limitou os espaços na cidade que outrora foram intensamente usados, no início da fundação da Comunidade. Estes locais eram pontos em que transitaram seus antepassados, com quem detinham afeto histórico. Sendo assim, foi necessário reduzir o número de participantes nas manifestações culturais e até mesmo demovê-las para outro local. Essa limitação acontece também dentro da comunidade, devido ao uso do espaço interno para passagem de tubulação de tratamento de esgoto da COPASA, impossibilitando, assim, o cultivo da roça para realização do ritual agrário, João do Mato.

Ficou claro que os filhos, netos e bisnetos se preocupam em preservar com muito afinho os ideais do Senhor Artur. Os mais velhos, juntamente com os diretores, se preocupam em passar os ensinamentos para os mais jovens com dedicação e estão sempre ativos nas preparações e organizações das manifestações culturais. E isso indica que existem fatores intempestivos que, de certo modo, atacam e questionam o modo como aquela comunidade vive. Nesse sentido, identificou-se que o entretenimento fácil e meios tecnológicos de rápido acesso podem causar

obstáculos à condição de povo tradicional dos Arturos. Nessa pesquisa revelou-se que há grande preocupação e dedicação dos diretores em saberem integrar essas tecnologias dentro da comunidade, principalmente com os mais jovens, de modo a promover seu maior interesse pelos temas e atividade da comunidade.

A comunidade é exemplo de resistência, com todos os obstáculos e limites, encara com muito entusiasmo os problemas porque lembram da resistência que o Senhor Artur carregou ao longo da vida com as histórias dos seus antepassados e também o tempo que viveu no regime escravocrata. Mesmo com a urbanização que transformou o entorno e modo arturiano de viver, houve empenho para se adequarem aos novos tempos e a existência com os resultados que a comunidade colhe nos tempos atuais prova que estão no caminho certo. Por isso, o sangue, a cultura, o conjunto de saberes e as manifestações arturianos falam mais forte, dando força para seguir em frente, criando e recriando as condições de reinventarem as maneiras pelas quais garantem sua existência como um coletivo, um Povo. Os arturianos até então foram capazes de compreender o mundo e as relações que estabeleceram nele historicamente e, por meio dessa compreensão, foram e seguem sendo capazes de lidar com as linguagens e com os termos propostos pela sociedade em que vivem. Em última instância, já nos termos mais intensos dos processos modernos, que impõem alto grau de desestruturação, compreendeu-se a linguagem das relações mais globais e conquistou-se o título de Patrimônio Imaterial do Estado de Minas Gerais. E, Mais uma vez encontrou o caminho de dialógico pelo qual se estabelecem novas relações e novas condições de (re)existência, dando cada vez mais, significado aos seus costumes, práticas e saberes.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Cecília de Brito. **A nova Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura. Curso de Arquitetura e Urbanismo. Rio Grande do Sul, 2013. <Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10183/95635> >. Acesso em 13 ago. 2017.

ARAÚJO, Jurandir de Almeida; MORAIS, Rossival Sampaio. Resignificando a História e a Cultura Africana e Afro-Brasileira na escola. Revista Artíficos, v. 3, p. 1-14, 2013. Disponível em: < <http://www.artificios.ufpa.br/Artigos/Revista6/artigo%20jurandir.pdf> >. Acesso em: 24 out. 2017.

BONIFÁCIO, José. Entrevista concedida a Natalina de Jesus dos Santos Gonçalves. Contagem, 01 jun. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "A" desta monografia]

BONIFÁCIO, José. Entrevista concedida a Natalina de Jesus dos Santos Gonçalves. Contagem, 7 maio. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "A" desta monografia]

BRAGA, Fernando Gomes. **Conexões territoriais e redes migratórias**: uma análise dos novos padrões da migração interna e internacional no Brasil. (Tese de Doutorado em Demografia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2011. Disponível em: < <http://pct.capes.gov.br/teses/2011/32001010034P2/TES.PDF> >. Acesso em: 27 nov 17.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Relatório Final do Projeto Tempos e Espaços nas comunidades rurais do Alto e Médio São Francisco – Minas Gerais. Uberlândia: UFU, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v4n8/0104-7183-ha-4-0182.pdf> > . Acesso em 14 jul. 2017.

BRITO, Fausto. O deslocamento da população brasileira para as metrópoles. **Estudos Avançados**, v. 20, n. 57, p. 221-236, ago. 2006. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 ago. 2017.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª Edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

CANCLINI, Néstor García. 1995 [1992]. **Culturas Híbridas**. Estratégias para Entrar y Salir de la Modernidad. Buenos Aires: Editorial Sudamérica. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0585-1.pdf>>. Acesso em 05 ago 2017.

CANIELLO, Márcio, TONNEAU, Jean-Philippe. A pedagogia da Universidade Camponesa. In: **Caderno Multidisciplinar**. Educação e contexto do semiárido brasileiro. v. 1. Juazeiro, Selo editoria RESAB, 2006, p. 13-29. (pp.13-29). Disponível em: <http://www.ufcg.edu.br/~unicampo/textos/cadernos_resab-a_pedagogia_da_unicampo.pdf>. Acesso em 13 ago 2017.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Ed. FFLCH, 2007. Disponível em:<http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf>. Acesso em 21 jul. 20017.

CONTAGEM, Prefeitura Municipal de Contagem. Disponível em: <<http://www.contagem.mg.gov.br/?es=patrimonio-historico&artigo=976892>>. Acesso em 25 out. 2017.

CONTAGEM. SEDUC. Secretaria de Educação e Cultura de Contagem. Atlas escolar: histórico, geográfico e cultural. Contagem /MG: 2009. Disponível em: <<http://www.contagem.mg.gov.br/arquivos/comunicacao/atlascontagem.pdf>>. Acesso em 25 out. 2017.

FERNANDES, B. M. 2009. Sobre a tipologia de territórios. Pages 197-215 in M. A. Saquet and E. S. Sposito, editors. Territórios e territorialidades: teoria, processos e conflitos. Expressão Popular, São Paulo, Brasil. 2009. Disponível em: <

http://acciontierra.org/IMG/pdf/BERNARDO_TIPOLOGIA_DE_TERRITORIOS.pdf>.

Acesso em 26 out. 2017.

FERRETTI, Sérgio F. Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 182-198, Jun 1998 . Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71831998000100182&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 jul. 2017.

GOMES, Jones da Silva. Comunidade e eticidade: uma contribuição à aventura sociológica no pensamento de Martin Buber. 2006. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2006. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/1946/1/Dissertacao_ComunidadeEticidadeContribui%C3%A7%C3%A3o.pdf >

HERÉDIA, Maria Goreth. Entrevista concedida Natalina de Jesus dos Santos Gonçalves. Contagem, 18 jun. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "A" desta monografia]

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS – IEPHA/MG. Comunidade dos Arturos. Cadernos do Patrimônio Imaterial, Belo Horizonte – MG, v. 2, n. 1ª, 2014.

JULIANO. Entrevista concedida a Natalina de Jesus dos Santos Gonçalves. Contagem, 07 mai. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "A" desta monografia]

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: versão: início - fev. 2006. Disponível em: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/1a_aula/A_producao_do_espaco.pdf >. Acesso em 05 abr. 2017.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal/lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

LEFEBVRE, Henri. **Metafilosofia**. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira.1967.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. 5ª edição. São Paulo: Ed. Centauro, 2011. Disponível em:<<https://nemouem.files.wordpress.com/2013/10/direito-c3a0-cidade-lefebvre.pdf>>. Acesso em 25 jul. 2017.

MESQUITA, Adriana Alice de Andrade. Festas e devoção no período colonial mineiro - irmandades de negros e integração étnica Caio César. Revista da Comissão Mineira de Folclore. Nº24, mai 2005. Disponível em: <<http://www.folcloreminas.com.br/RevistasAntigasN24.pdf#page=56>>. Acesso em 15 ago 2017.

MOCELLIM, Alan. **A comunidade**: da sociologia clássica à sociologia contemporânea. Plural (USP), v. 17, p. 105-125, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/74542>>. Acesso em 12 de ago. 2017.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias Geográficas**: Espaço, Cultura e Política no Brasil. 5ª Edição. São Paulo: Editora Annablume, 2005.

OS ARTUROS – Documentário. Direção: Thereza Jessouroun. Brasil. Produção: Kinofilmes. 60 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=l1zKmaAvUY4>>. Acesso em 27 nov 2017.

SANTOS, Alexandre Eduardo. AGRUPAMENTO DE CIDADES DE PEQUENO PORTE: um estudo sobre Barra do Garça-MT, Pontal do Araguaia-MT e Aragarças-GO. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Jataí. 2016

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. 2ª edição. São Paulo: Ed. Hucitec,1996.

SAQUET, Marcos Aurélio & SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades**: Teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão popular, 2009. Disponível em: <<http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20POS->>

GRADUACAO/TIPOLOGIA%20DE%20TERRITORIOS/LIVRO%20SAQUET%20E%20SPOSITO.pdf >. Acesso em 26 jul. 2017.

SEVERINO, Entrevista concedida a Natalina de Jesus dos Santos Gonçalves. Contagem, 13 mai. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "A" desta monografia].

SOUZA, Keli Carvalho de. **Tecendo Redes e Construindo Histórias: o apadrinhamento dos escravos adultos no Distrito Diamantino entre os anos de 1744 a 1758.** Universidade Federal de Ouro Preto-Instituto de Ciência Humanas e Sociais-Programa de Pós-Graduação em História. Minas Gerais, 2013. Disponível em: <www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/3549/1/DISSERTAÇÃO_TecendoRedesConstruindo.pdf>. Acesso em 09 ago. 2017.

VIEGAS, Maria Ivanice de Andrade. **Cartografias da (r)existência** - apropriações do espaço de Contagem pelos Arturos. Por Dentro da História: Revista de Educação Patrimonial, v. 1, p. 24-30, 2015. Disponível em:<<http://www.contagem.mg.gov.br/arquivos/publicacoes/pordentrodahistoria5-12112015.pdf?x=20170618035937>>. Acesso em 15 ago 2017.

WEBER, Max. **Conceitos Básicos de Sociologia.** São Paulo: Editora Moraes, 1987.